

Eleições para a Diretoria Executiva e Conselho Fiscal da FENAE

Dia 18 de março de 1999

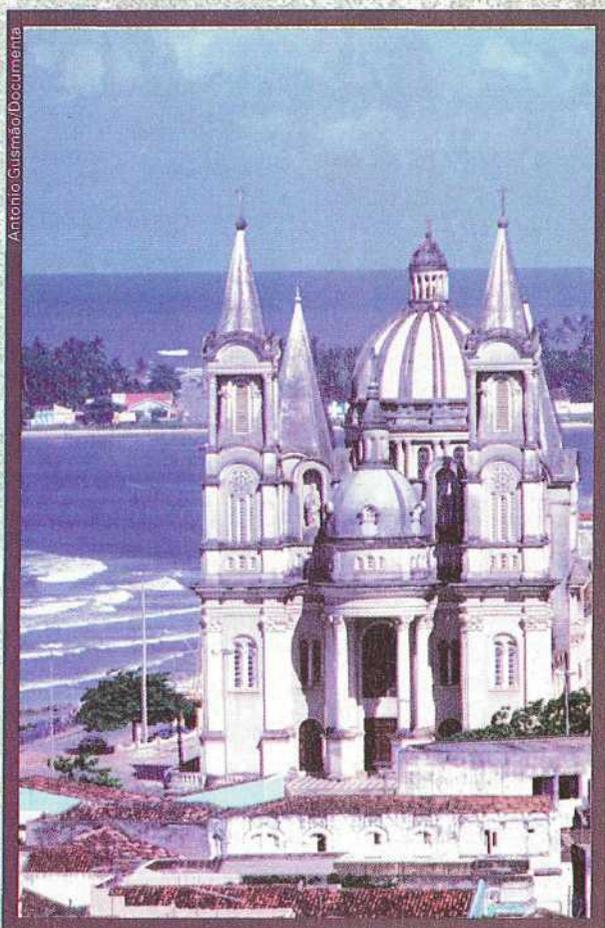


FENAE





Capa: Os diferentes modelos educacionais e os desafios para o ensino público estão na **Pág. 13**



A bela Ilhéus de "Gabriela Cravo e Canela", de Jorge Amado, você visita na **Pág. 34**

AGORA FENAE

- 7** Pequenas necessidades, do jornalista Janio de Freitas
- 8** Mercosul: apesar do avanço, os desafios sociais persistem
- 11** Aloysio Biondi escreve que "você jamais esquecerá 1999"
- 22** Há 28 anos - FENAE combate a extinção do BNH
- 22** Pagu, a musa dá Semana de Arte Moderna, foi uma revolucionária
- 24** Saúde: Aids, a doença do século XX, enfrenta o preconceito
- 27** Ansiedade: um mal inerente ao homem - Comportamento
- 28** A secular cumplicidade entre os poetas e o progresso humano
- 31** "Pérolas apesar da crise", de Tárík de Souza



A juventude "sarada" e que gosta de emoções fortes desliza pelos mares brasileiros. **Pág. 32**

Publicação da FENAE -
Federação Nacional das Associações
do Pessoal da Caixa Econômica Federal

Administração e redação:

Sector Comercial Sul, quadra 1, edifício União,
6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901
Telefone: (061) 323-7516
Fax: (061) 325-6057
Telex: (061) STM400 - Caixa Postal 33794
Homepage: www.fenae.org.br
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br
(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br

Diretoria Executiva

Presidente:
Carlos Caser
Vice-Presidente:
José Francisco Zimmermann
Diretor Financeiro:
Carlos Borges
Diretor de Relações no Trabalho:
João Alberto Garcia Moschkovich
Diretor Administrativo:
Admilson dos Santos Canuto
Diretor de Esportes:
Jorge Cruz Marçal
Diretor Cultural:
Emanoel Souza de Jesus
Suplente: José Durval Fernandes Reis

Conselho Fiscal

Orlando Martins Pinto
Jesus Rodrigues Alves
Cláudio Pimentel Corrêa

Suplente

Bernadete Santos de Aquino

Conselho Deliberativo Nacional

Presidente: Jorge Peixoto de Mattos
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora N. de Almeida
Secretário: Fernando de Mello

Editor: Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)

Redação: Antônio José, Evandro Peixoto e
Marcio Sardi

Colaboradores: Janio de Freitas, Aloysio Biondi,
Tárik de Souza e Adacir Reis

Diagramação: Hélder Narde

Ilustração: Lisarb

Impressão: Bangraf

Tiragem desta edição: 75 mil exemplares comprovada
por **Price Waterhouse**, cuja carta-relatório encon-
tra-se conosco.

Os artigos assinados são de responsabilidade dos
seus autores. As matérias podem ser reproduzidas,
desde que citada a fonte.

Distribuição gratuita

Duas opções

O futuro depende da educação. Isso todos sabem, mas o que muitos desconhecem é que o conceito de boa escola não passa apenas pela aprovação no vestibular ou pelo decoreba de datas, nomes e fórmulas complicadas. A dúvida dos pais sobre a escola para seus filhos passa, quase que necessariamente, pela opção entre os métodos tradicionais ou os alternativos. Estes, que "consideram o aluno como participante ativo na construção do saber e buscam desenvolver a consciência humana", ganham cada vez mais adeptos entre profissionais da área de educação.

Quando a deputada Esther Grossi (PT-RS), com seus cabelos coloridos, afirma que "todos podem aprender", lembra-nos que os homens nascem iguais e que, se tivessem verdadeiras oportunidades, a humanidade poderia estar muito melhor. Esse não é o interesse, entretanto, das elites dominantes, pois muito do seu poder decorre justamente dessa ignorância a que submetem a maioria da população.

Enquanto não conseguimos melhorar o ensino, em que pese a falaciosa propaganda oficial, estamos vivendo crescimento vertiginoso no Mercosul. Em sete anos de vida os negócios entre os quatro países-membros pularam de US\$ 4 bilhões para US\$ 20 bilhões. É o quarto maior mercado mundial, disputado a unhas e dentes pela Alca, de predomínio norte-americano, e pela União

Européia, seu principal concorrente. Esse sucesso comercial não é acompanhado por medidas em benefício dos trabalhadores.

O ano que começamos promete. Tudo indica que será mais difícil que 98, com o acirramento das dificuldades da população carente. Tudo indica que o desemprego continuará elevado, levando ao desespero milhões de pessoas.

Infelizmente, a humanidade não anda tão bem quanto gostaríamos. A Aids avança, contaminando 11 pessoas por minuto. Já existem cerca de 33 milhões de pessoas infectadas. A maioria sem contar com nenhuma solidariedade.

A história, entretanto, também tem outros lados, alguns muito bonitos. "Desde a aurora dos tempos, o homem manifesta seu lirismo e emoções através da poesia". Há quem afirme, inclusive, que a poesia é cúmplice da sociedade e de sua evolução através dos séculos. Nesta edição temos a honra de publicar um raro momento da poesia brasileira: uma foto histórica com Paulo Mendes Campos, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, na casa de Rubem Braga, em 1966.

Bela como um poema, a Ilhéus de Jorge Amado nos deslumbra com seus encantos, suas praias e construções seculares. Vale a pena ver esse Brasil, moderno e conservador que nos oferece a Bahia.

Boa escola não
é decoreba de
datas, nomes e
antigas fórmulas

FA

Todos os nomes

Sabe a diferença entre meteoros, meteoritos e meteoróides? O site <http://www.cdcc.sc.usp.br/cda/aulas/meteoroides> explica que meteorito é o corpo celeste que entra na atmosfera terrestre - a popular estrela cadente. Antes disso, o corpo deve ser chamado de meteoróide. Já meteoróide é o nome genérico dos fenômenos que ocorrem na atmosfera terrestre. O endereço conta ainda outras coisas, como a história da observação dos meteoros e seus efeitos sobre a superfície da terra.



Casa do homem

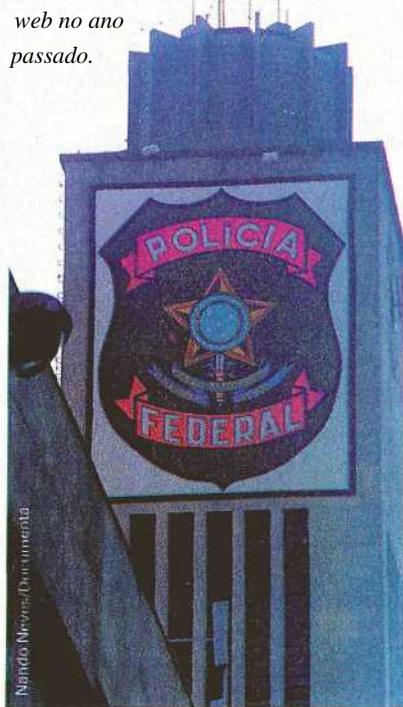
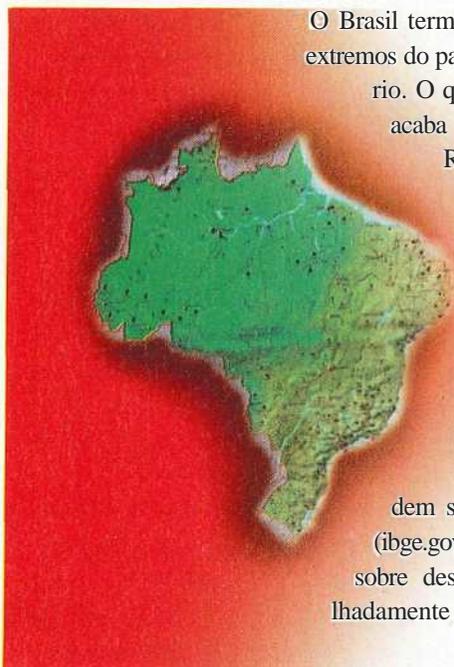
A delegação brasileira que foi à II Conferência Mundial sobre os Assentamentos Humanos (II Habitat), que aconteceu na Turquia no início de 1996, preparou um diagnóstico sobre a situação urbana, fundiária e habitacional no país. Estes e outros documentos podem ser encontrados no site gcsnet.com.br/oamis/civitas.

Crime moderno

A Interpol, que reúne organizações policiais de 177 países, está se preparando para combater a criminalidade na Internet. As fraudes em 1997 chegaram a US\$ 1 trilhão através da rede mundial e de outros meios eletrônicos. Os principais alvos são os cerca de 250 mil endereços de empresas na Internet, destinadas aos 60 milhões de usuários que existiam na web no ano passado.

Fazendo água

O Brasil termina em água. Dos quatro pontos extremos do país, três são curvas ou nascentes de rio. O quarto é o mar. No norte, o Brasil acaba na nascente do rio Ailã, em Roraima - e não no Oiapoque, que é o ponto extremo do litoral. No Rio Grande do Sul, o limite é uma das curvas do arroio Chuí. No oeste, é a nascente do rio Moa, no Acre. A Ponta do Seixas, na Paraíba, é o ponto extremo a leste, também ponto extremo das Américas. Estas e outras informações podem ser encontradas no site do IBGE (ibge.gov.br) que, além de dados otimistas sobre desemprego, também estuda detalhadamente a geografia nacional.



Propriedade

Queiram receber meus cumprimentos pela excelente reportagem "Água - por que preservar as fontes da vida", de autoria de Marcio Sardi, que aborda, com bastante propriedade, a problemática que envolve os recursos hídricos nos dias de hoje. Destaco as referências feitas às doenças veiculadas pela água e os possíveis conflitos agravados por sua escassez.

Agradeço a citação feita, no corpo da matéria, ao movimento Cidadania pelas Águas, uma iniciativa da Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, que vem atuando na defesa das águas e na mudança de hábitos da população brasileira em relação aos gastos excessivos desse recurso tão escasso, vulnerável e finito.

Aproveito a oportunidade para colocar a Coordenadoria de Comunicação Social do Ministério do Meio Ambiente e o próprio movimento, que funcionam no mesmo local, para quaisquer novos esclarecimentos sobre as ações de mobilização social, desenvolvidas em todo o país, visando a revitalização e conservação dos recursos hídricos.

Luiz Carlos Baeta Neves
Coordenador de Comunicação Social do Ministério do Meio Ambiente
Brasília (DF)

Pinochet

O leitor carioca Paulo Ricardo Gadelha Pinheiro enviou à redação da FENAE AGORA o texto "Pinochet", em comemoração ao aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 10 de dezembro. Reproduzimos a seguir alguns trechos do texto:

'A detenção do general Augusto Pinochet em Londres (Inglaterra) levanta a seguinte questão: tem o juiz espanhol Baltazar Garzon competência jurisdicional para pedir a prisão e a conseqüente extradição de um cidadão chileno, para responder na Espanha a um processo instaurado para julgamento de um crime ocorrido fora do território espanhol? Foi essa a pergunta formulada pelo ex-presidente do Instituto dos Advogados

Brasileiros Otto Vizeu Gil, em artigo no 'Jornal do Brasil', a qual ele respondeu negativamente dizendo que, na verdade, 'não há suporte jurídico para a sujeição do general Pinochet a um processo instaurado na Espanha'.

...Já está se firmando em nível da comunidade internacional a consciência da universalidade dos direitos humanos e que as violações desses direitos, como o terrorismo e a tortura, constituem crime inafiançáveis, imprescritíveis e insuscetíveis de graça ou anistia, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, omitiram. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU em dezembro de 1948, e o Pacto de Direitos Civis e Políticos (1966) tratam explicitamente do repúdio ao terrorismo e à tortura... Diversos sistemas e princípios existem sobre a competência da punibilidade. Ao lado do sistema da territorialidade, para o qual o delito deve ser punido no território do Estado em que foi praticado, existe a extraterritorialidade, que advoga a aplicação da lei penal, mesmo quando praticado o delito por estrangeiro fora das fronteiras nacionais. O Código Penal brasileiro estabelece em seu artigo 7º a extraterritorialidade, permitindo que a lei brasileira possa punir crime cometido fora do Brasil, por estrangeiro contra brasileiro, desde que preenchidas determinadas condições.

...Aliás, Pinochet abusou da extraterritorialidade, quando, de modo inominável, praticando terrorismo, sem respeitar os limites de soberania entre os Estados, mandou executar nos EUA o ex-chanceler Orlando Letelier... É lamentável que, tendo recebido no Chile asilo político do presidente Salvador Allende, o presidente FHC não se pronuncie sobre o assunto, bastando-lhe o silêncio e a omissão, numa atitude de quem prefere compor uma relativa paz, mesmo com o sacrifício dos direitos humanos, do que enfrentar os desafios colocados pela época contemporânea. Na política e na economia, falta a FHC a ousadia de buscar o novo. Seu governo limita-se a prescrever antigos receituários impostos pelos EUA e o FMI... Se antes não fez porque era oposição, hoje não faz porque,

como tudo que é aparentemente "sólido" se desmanchou no ar, sumiu, desapareceu, transformando-se na sombra do que um dia sonhara para si.

Paulo Ricardo Gadelha Pinheiro
Rio de Janeiro (RJ)

Revolta

Estou escrevendo para, usando palavras do nosso presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, externar minha revolta e indignidade e pedir orientação a vocês de como fazer para exercitar a conquista das seis horas. No meu caso, nem é mais "exercite as seis horas" e sim exija o mínimo de justiça.

Sou aposentada por LER. Trabalhei durante 16 anos na Caixa. Tentei não me aposentar e voltar às atividades profissionais, mas não consegui. Aposentaram-me aos 42 anos de idade e, agora, as leis me impedem de ter qualquer outra atividade. Que leis são essas que me garantem horas extras que nunca foram pagas, obrigando-me a entrar na justiça para tentar receber um direito que me é garantido Constitucionalmente?

Agora, o sr. Fernando Henrique edita uma medida provisória colocando os depósitos judiciais à disposição da União. Curiosamente, a edição nº 10 da FENAE AGORA fala que a LER virou DORT e todas as manobras para prejudicar o trabalhador que, com certeza, se fizesse seis horas não teria LER nem DORT.

Marília Lúcia Prado Vilela
Varginha (MG)

Congratulações

Em dezembro várias correspondências chegaram à redação da FENAE AGORA, com mensagens de congratulações natalinas. Agradecemos a todos que enviaram cartas e e-mails. Isso serve de incentivo para a continuidade do nosso trabalho.

A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor. FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser devidamente identificadas (assinatura e endereço).

Imprens@fenae.org.br

Pequenas necessidades

■ Janio de Freitas

Jeito o Brasil teria. E nem seriam muitas as condições a serem cumpridas para isso. Nem de realização difícil, caso houvesse alguma disposição de realizá-las.

A primeira dessas condições seria criarem-se restrições, mas nada a ver com o Código Penal, para governantes, ministros, dirigentes de empreendimentos ou programas governamentais, cujo desempenho agravasse a situação encontrada. Ou não cumprisse os compromissos assumidos com o público e o país, nem, em outro caso, as metas aceitas ao assumir.

A facilidade com que nada se cumpre e nenhum descumprimento custa algo ao seu autor é, com toda a certeza, um dos impedimentos a que o Brasil se torne o que poderia ser. Quem teve mau desempenho não poderia lecionar, é claro. Não poderia voltar à função ou cargo público, para lidar outra vez com parcelas da vida nacional. Nem poderia ter cargo relevante em empresa privada que se relacionasse, por qualquer modo, com o setor público.

Outra condição seria instituir uma dúzia de inquéritos sérios abrangendo as privatizações, não havendo até agora, entre tantas, uma só de cuja limpidez se possa ter certeza. Mas não só de privatizações se faria o esforço moralizante. A evasão de dinheiro para os paraísos fiscais, as grandes compras e contratações governamentais, o controle superior do tráfico de drogas instalados nas granfinagens das grandes cidades e a corrupção de polícias



- isso precisa passar por um pente fino e forte, do alto para baixo. Ou, do contrário, só os farsantes continuarão se mostrando surpresos quando o Brasil aparece, em investigações internacionais, nos postos culminantes dos países mais corruptos do mundo.

Fanà muito bem, ainda, que se aplicassem as leis aos grandes sonegadores de impostos, de FGTS, de Previdência. O mesmo aos grandes devedores dos bancos oficiais. E, claro, aos demais gêneros de

proveitadores, da coisa pública, até hoje muito bem protegidos.

Não é muito. Mas seria o suficiente para dar nova fisionomia ao país. Ou nova alma. E um futuro completamente novo, porque contrário à mesmice criminoso e impune que o atrela.

■ Janio de Freitas,
jornalista

Mercosul: desafios sociais persistem

Apesar do crescimento das relações comerciais, até agora os trabalhadores continuam

O Mercosul (Mercado Comum do Sul), formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, avança em seu processo econômico, mas com problemas quanto às relações de trabalho e com perspectivas imprecisas quanto ao futuro.

As principais interrogações giram em torno do tipo de resposta que será dada por esta integração regional à Área de Livre Comércio das Américas (Alca), cuja entrada em vigor está prevista já para o início do próximo século, e aos desafios sociais que também se ampliam com a abertura

dos mercados domésticos. No ano de 2005 os países do Mercosul deverão se posicionar e escolher entre participar da Alca ou até mesmo da União Européia, dependendo do desenvolvimento das negociações realizadas até lá.

O comércio intra-Mercosul mais do que quadruplicou desde a sua criação, em 1991, passando de US\$ 4 bilhões para US\$ 20 bilhões, em 1997. Em sete anos de existência, tornou-se o quarto mercado mundial depois do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), da União Européia e do Japão. Mas o Relatório Mercosul, publicado pelo Instituto para a Integração da América Latina

e do Caribe (Intal), administrado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), revela a existência de duas análises distintas sobre a possibilidade de sustentação desse "notável êxito". Uma das correntes de pensamento, conforme observa o economista do Intal, Uziel Nogueira, sustenta que a importância do Mercosul será, necessariamente, diluída pela criação da Área de Livre Comércio das Américas. O principal argumento é o de que a tarifa externa comum ao Mercosul, principal linha de defesa comercial do bloco, perderá sua eficácia com os outros parceiros do hemisfério, inclusive os Estados Unidos, a maior economia do mundo.



a f i o s em

em garantia de direitos

Já no segundo ponto de vista parte de uma análise "político-estratégica". Segundo Uziel, seus defensores afirmam que o Mercosul é um acordo cultural, político e de segurança, tanto quanto de comércio. E, como tal, pode perfeitamente coexistir dentro de uma área de livre comércio mais ampla para todo o hemisfério.

Além dessa controvérsia relacionada a perspectivas que dobram o horizonte de 2005, data prevista para a conclusão do Mercosul, há ainda no caminho problemas de difícil equacionamento a emperrar o avanço do mercado comum. É o caso do regime automotivo, sem o qual fica complicado o futuro da indústria automobilística na região, e a definição de regras para o comércio de açúcar.



A democratização que abriu fronteiras

*Fim dos regimes militares possibilitou integração
hoje cortejada pela Alca e pela União Européia*

O Mercosul nasceu após a democratização dos seus países-membros. A ditadura na Argentina terminou em 1983 e no Brasil em 1985, possibilitando negociações que evoluíram desde acordos sobre o potencial hidrelétrico da bacia do Prata, até o verdadeiro início da integração, em 1991.

No ano que vem acontecerá a 1ª Cúpula União Européia-Mercosul, para acertar a formação de uma zona de livre comércio entre os dois blocos. O objetivo é o de aproximação entre ambos, já que em 2005 o Mercosul estará concluído, com livre circulação de capital, mercadorias e mão-de-obra entre seus países-membros.

Há uma pedra no sapato dessa união: a desigualdade entre os quatro componentes do Mercosul. Para se ter uma idéia, os produtos importados pelo Brasil representam apenas 1,5% das vendas no país. Já no Paraguai, em contrapartida, os produtos importados representam 85% das vendas.

As diferenças, porém, não param por aí. Proporcionalmente, o Brasil é o país com piores indicadores sociais: temos 16,7% analfabetos adultos contra 3,8% da Argentina, 2,7% do Uruguai e 7,9% do Paraguai, segundo a ONU. Nosso índice de pobreza, no Nordeste, chega a 46%, contra 23,2% no Paraguai e 11,7% no Uruguai.

Se compararmos esses índices com



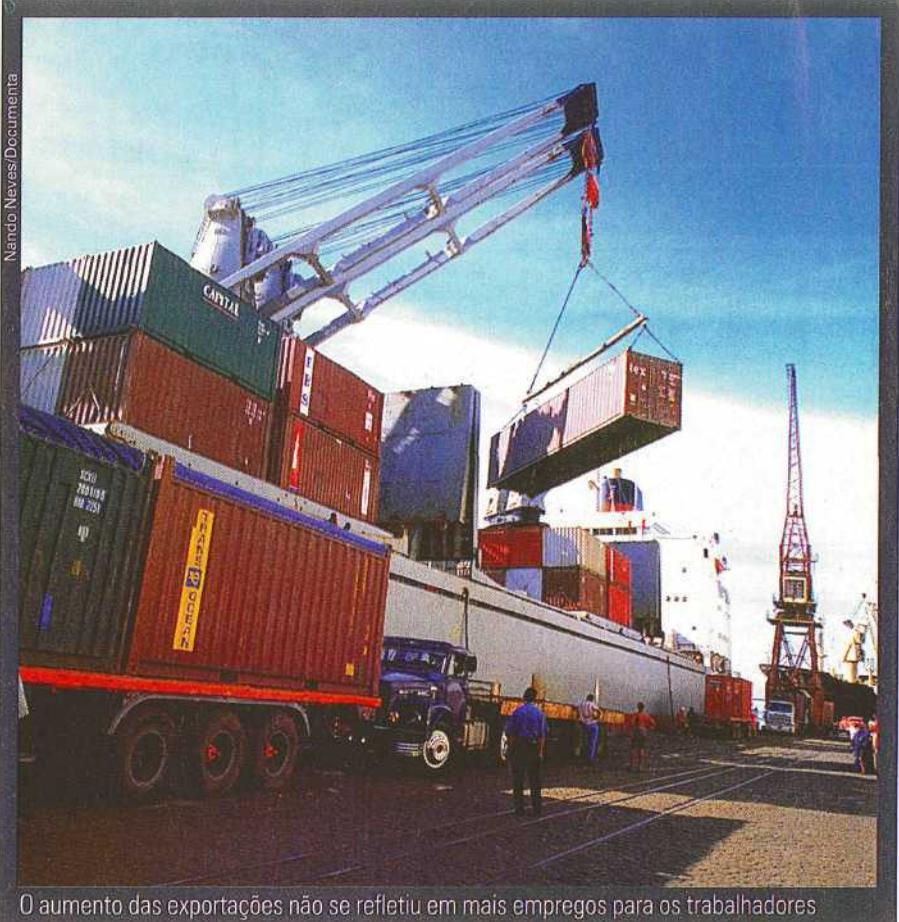
os da Europa as disparidades são maiores. Enquanto as centrais sindicais ligadas ao Mercosul reivindicam o bem estar social como centro dos acordos, os trabalhadores europeus gozam de direitos que estamos muito longe de alcançar. Como integrar tais disparidades em prejuízo para os cidadãos daqui? Está aí um desafio a vencer.

Comércio dos quatro países membros cresceu 400%

Para Áttila Roque, do Ibase, o Mercosul deve ser compreendido como parte de uma estratégia mais ampla de abertura comercial e de reinserção regional no cenário econômico internacional. E o seu impacto pode ser avaliado pelo significativo incremento do comércio intra-regional.

Pelos dados da Associação Latino Americana de Integração (Aladi), apenas nos quatro primeiros anos o comércio no âmbito do Mercosul chegou a 40% do comércio intra-latino-americano. As exportações brasileiras para os países sócios, por exemplo, subiram de US\$ 1,3 bilhões em 1990 para US\$ 5,9 bilhões ao final de 94. Hoje, estão por volta de US\$ 9 bilhões, o que demonstra um ritmo constante de evolução.

O mercado consumidor formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai é de 200 milhões de pessoas, um atrativo para investimentos internacionais. E há uma clara intenção de estender o processo de integração para além dos quatro países-membros. Em 1996, foi firmado com o Chile um acordo de redução de tarifas de importação de vários produtos no comércio com o Mercosul e, em seguida, deu-se o mesmo com a Bolívia. Atualmente, estão sendo negociados acordos comerciais também com os países do Pacto Andino - Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Para Áttila Roque, esta estratégia "gradualista" decorre de uma metodologia que propõe a construção da integração a partir da convergência dos diversos esquemas existentes na região. 'Assim estaria preservada a integração hemisférica sem prejuízo da prioridade atribuída à consolidação do Mercosul'.



O aumento das exportações não se refletiu em mais empregos para os trabalhadores

Os negociadores dos quatro países se esforçam em buscar entendimento acerca destas e outras questões pendentes, visando chegar à reunião de presidentes marcada para dezembro de 99 já com acordos fechados. No início de dezembro, o Grupo Mercado Comum (GMC) realizou no Rio de Janeiro a sua 32ª reunião.

Abandono Em meio às conturbações e incongruências de uma abertura comercial sob a batuta dos interesses das burocracias privadas e governamentais, conforme define Áttila Roque, coordenador do Programa de Globalização do Instituto Brasileiro de Análise Sócio-Econômico (IBASE), estão os trabalhadores e amplas camadas da população de cada país, sem as mínimas garantias sociais. "Entre as decisões tomadas em Ouro Preto, no final de 94, quando foi assinado o acordo de constituição de uma zona de livre comércio e a união aduaneira, não existe nenhuma sobre relações trabalhistas, emprego e seguridade social", diz o pesquisador.

Essa preocupação é realçada também pelo presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e vice-presidente da Central Única dos trabalhadores (CUT), João Vaccari Neto. Ele alerta para o fato de quase dois terços dos

trabalhadores do Mercosul estarem desempregados ou em situação de emprego precária, o que significa que cerca de 50 milhões de trabalhadores não têm nenhuma cobertura social e laboral.

Fruto da pressão exercida pela CUT e demais centrais sindicais do Mercosul nos últimos seis anos, foi assinada, durante a reunião do GMC, no Rio de Janeiro, a Declaração Sócio-Laboral do Mercosul, na qual os Estados integrantes se comprometem a cumprir um conjunto de direitos individuais e coletivos, de proteção à saúde e à seguridade social, e a promover políticas de emprego e de proteção a desempregados. Para garantir efeito prático à declaração, foi criada uma Comissão Sociolaboral, integrada por representantes dos ministérios do Trabalho, dos empresários e dos trabalhadores.

As centrais sindicais vinham defendendo a homologação de um protocolo laboral, com força de lei e punição para o caso de descumprimento dos direitos trabalhistas, o que não se dá com uma simples carta de intenção. Mesmo tendo considerado um grande passo a declaração de direitos com a criação da Comissão Sociolaboral, Vaccari disse que "o movimento dos trabalhadores vai continuar lutando por seus objetivos".

Você jamais esquecerá 1999

■ *Aloysio Biondi*

T rês batidas na madeira? "Isola"? Xô, urubu? Não tenha medo, não.

Ninguém vai despejar previsões de catástrofes para o seu 1999. Ano Novo é época de renovação, expectativas otimistas. E 1999 pode trazer ótimas surpresas, mesmo que os analistas econômicos e políticos não estejam falando nelas. Sabe por que 1999 será inesquecível? Vai haver uma grande "virada" no mundo. Mais explicitamente, uma grande "virada" no jogo de poder mundial, com a Europa fazendo frente à hegemonia dos EUA, o que é muito bom para países como o Brasil. A nova tendência foi ficando clara ao longo de todo o ano de 1998, a partir de uma série de fatos - mas, pra variar, nenhum deles ganhou manchetes ou mesmo grande destaque nos meios de comunicação. Por exemplo: desde a vitória de Schroeder, na Alemanha, o que aconteceu? Com ela, todos os principais países europeus passaram a ser governados por partidos de "esquerda".

E eles - esta a segunda "revolução" - não aceitam as teorias neoliberais de que o desemprego seja inevitável, com a chamada "globalização". Vale dizer: não aceitam o receituário que o EUA e seu teleguiado, o Fundo Monetário Internacional (FMI), têm imposto ao resto do mundo nos últimos anos, provocando "quebradeira" de países, desemprego em massa, crises no mercado financeiro. Já em novembro último, esses chefes de estado europeus assinaram documento rejeitando essas teses, e reafirmando que o objetivo da política econômica deve ser a criação de empregos e o crescimento econômico. Uma tomada de

posição importante para o mundo, às voltas com a legião de centenas de milhões de "excluídos" criada pela falsa "globalização". E, para levar mais longe a discordância com as posições dos EUA, o bloco europeu contará a partir deste janeiro com outra arma: a "circulação" do euro, a moeda única européia - outra "revolução" que ganhou pouco destaque nos últimos meses de 1998, apesar das transformações que ela provocará. O euro terá tanta aceitação internacional quanto o dólar - o que significa que todos os privilégios que os EUA tiveram ao longo de décadas, por causa da "força do dólar", vão passar a ser questionados. Pouca gente sabe, mas essa "força do dólar" é injusta, um mito: os EUA são um país com enormes rombos em suas operações com o resto do mundo, e por isso o dólar deveria desvalorizar-se, como ocorre com as moedas dos demais países. Só para a balança comercial, isto é, o valor das exportações menos o valor das importações, o "rombo" anual dos EUA chega à fabulosa cifra de US\$ 230 bilhões em 1998 - ameaçando atingir US\$ 300 bilhões em 1999, principalmente se o preço do petróleo, largamente importando pelos EUA, conseguir recuperar-se após a queda violenta ocorrida em 1998.

Alvíssaras

O ano de 1999, assim, poderá ser festejado, e jamais será esquecido, como o marco histórico em que o poder mundial passou a ser dividido entre EUA e Europa, com o enterro das teses neoliberais e poder de fogo, para o mal, do FMI. A humanidade voltará a ter, como prioridade, a criação de empregos, vale dizer, o bem-es-

tar das populações, e não o "funcionamento perfeito da economia", como pretendido pela onda neoliberal, esse imenso equívoco dos anos recentes. A esta altura, você quer saber, obviamente, o que muda para o Brasil. Ninguém pode enganar ninguém. O acordo estabelecido com o FMI é terrivelmente recessivo, prevê a manutenção dos juros altos, a liberdade para os capitais especulativos, a privatização a toque de caixa - em resumo, todo o pseudo modelo abraçado pelo governo FHC no primeiro mandato. Para piorar, prevê também juros absolutamente "esfolantes", nunca vistos em empréstimos de organismos internacionais, com até 5,5% de sobretaxa, isto é, praticamente 100% de aumento nas taxas de juros de 6% normalmente cobradas nos empréstimos internacionais. Impagáveis. De quebrar qualquer país. Se esse acordo prevalecer, aí sim, apesar da "revolução" no mundo, os brasileiros terão péssimos motivos para se lembrarem de 1999, como o ano do desemprego, quebradeira, violência. Mas, sejamos otimistas, de astral alto. É Ano Novo. Quem sabe o presidente Fernando Henrique Cardoso enxerga as mudanças mundiais, e chega à conclusão de que pode rejeitar a política do FMI a Clinton, apoiando-se para isso nos governos europeus de esquerda? Afinal, eles estão sedentos para terem um novo papel no mundo.

Aloysio Biondi,
jornalista 

TELEFONIA E INFORMÁTICA COM PREÇOS INCRÍVEIS.



**BINA 2000
CPA LIGHT**
R\$ 155,00

**PORTEIRO
ELETRÔNICO
HDL**

R\$ 71,00



**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
PARA MICROS,
MONITORES E
IMPRESSORAS**

**DESPACHAMOS
PARA TODO
O BRASIL.**



**CONFIGURAMOS O MICRO DE
ACORDO COM SUA NECESSIDADE**

MII 300 Mhz EPCON

Processador Cyrix 300 Mhz
HD 3.2 GB - 32 MB RAM - Drive 1.44
Teclado - Mouse - Monitor 14" SVGA
Kit Multimídia 36X - Fax modem 33.6K
Apenas **R\$ 1.165,00** (à vista)
ou **3X (1+2) R\$ 408,00**
(TOTAL R\$ 1.224,00)

Pentium II 350Mhz

Processador Intel Pentium II 350
HD 3.2 GB - 32 MB RAM - Drive 1.44
Teclado - Mouse - Monitor 14" SVGA
Kit Multimídia 36X - Fax modem 33.6K
Monitor 14" SVGA
R\$ 1.715,00 (à vista)
ou **3x (1+2) R\$ 600,00**
(TOTAL R\$ 1.800,00)

K6 200 Mhz

Processador AMD K6 200
HD 2.5 GB - 32 MB RAM
Drive de 1.44 - Teclado - Mouse
Monitor 14" SVGA NE
R\$ 850,00 (à vista)
ou **3x (1+2) R\$ 315,00**
(TOTAL R\$ 945,00)



**TELEFONE
SIEMENS
E 805-S**
R\$ 33,00

FECHADURAS ELÉTRICAS

Amelco	R\$ 74,00
HDL C-90	R\$ 83,00
Firenze FE-500	R\$ 40,00

ACESSÓRIOS

Caixa de Som 100 Watts	R\$ 17,50
Estabilizador 1KVA Monovolt	R\$ 23,00
Estabilizador 1KVA Bivolt	R\$ 24,00
Filtro de Linha c/ 3 Tomadas	R\$ 7,50
Microfone de Lapela	R\$ 6,00
Mouse 3 botões 420 dpi	R\$ 6,50
No Break c/ Bateria Selada	R\$ 181,50
Teclado (Windows 95)	R\$ 17,50
Anfigrampo	R\$ 55,00
Bloqueador de Chamada	R\$ 39,00
Cabos Telef a partir de: (metro)	R\$ 0,25
Corta-Xereta	R\$ 6,50
Interfone Amelco	R\$ 19,00
Interfone HDL	R\$ 21,00
Intercomunicador FM 112	R\$ 105,00
Protetor de Linha Telefônica	R\$ 5,00

CENTRAIS INTELBRÁS

Micro PABX 1 Linha/5 Ramais	R\$ 180,00
Micro PABX 2 Linhas/10 Ramais	R\$ 320,00
Micro PABX 4 Linhas/15 Ramais	R\$ 700,00
Micro PABX 6 Linhas/20 Ramais	R\$ 905,00

PORTEIRO ELETRÔNICO

Amelco	R\$ 61,00
Intercom	R\$ 46,00
Video Port. c/ Câmera HDL	R\$ 535,00

IDENTIFICADORES DE CHAMADAS

Bina 2000 CPA	R\$ 155,00
Bina 2000 Multi/CPA	R\$ 265,00
Identech M-190	R\$ 168,00
Identech Multi/CPA	R\$ 310,00

APARELHOS TELEFÔNICOS - LINHA

Intercom Padrão	R\$ 19,00
Intercom Padrão c/ chave	R\$ 21,00
Intelbrás Padrão	R\$ 21,00
Intelbrás Padrão c/ chave	R\$ 23,00
Intelbrás Premium	R\$ 25,00
ITM Prima-3 c/ amp. de voz	R\$ 42,00
Siemens Secret. Eletr. Dig.	R\$ 180,00

BLOQUEADORES DE CHAMADAS

Amelco s/ Chave	R\$ 38,50
Amelco c/ Chave	R\$ 51,00
Astram s/ Chave	R\$ 31,00
ITM s/ Chave	R\$ 44,00
Saltec c/ Chave	R\$ 39,00

FoneTrin

FONETRIN TELEFONIA E INFORMÁTICA LTDA

AV. STA. CATARINA, 678 - V. STA. CATARINA - SÃO PAULO

AMPLO ESTACIONAMENTO

WWW (011) 5505-3248 • 543-6164 • 543-5591 • 533-2147



M é todos pedagógicos de ensino que incentivem a criatividade e as potencialidades intelectuais do aluno, dentro de uma ética da tolerância e do respeito ao diferente, fazem parte do imaginário do país. Há duas maneiras de olhar para a educação no Brasil. Uma é com a lente do ensino conhecido como tradicional, preocupado exclusivamente com a decoreba de datas, nomes e acontecimentos. Faz uso do método em que o professor sabe tudo, depositando informação na cabeça do estudante. Calendários de prova, dever de casa e uma boa dose de disciplina contribuem para que grande parte dos colégios espalhados pelo território nacional ostente a fama de tradicional. A outra, tida como alternativa (conceitualmente falando), considera o aluno como participante ativo na construção do saber e busca desenvolver a consciência humana, estabelecendo relações entre identidades individuais, sociais e Coletivas. Procura ainda relacionar o particular com o geral, construindo as noções de diferenças e semelhanças, de continuidade e de permanência.

O que pesa na decisão dos pais quando o assunto é definir o colégio adequado para o futuro dos filhos? Primeiro, na maioria dos casos, o bom desempenho dos alunos no vestibular. Em seguida a formação de futuros cidadãos. Para alguns o ideal é aliar bom ensino com um certo comodismo. Significa que, muitas vezes, a proximidade de casa funciona como argumento decisivo para os pais

Escolaridade da força de trabalho

Em % de população de 25 a 64 anos.	Menos do que o ensino médio	Ensino médio completo	Ensino superior completo
Argentina	69	20	11
Brasil	72	17	11
Uruguai	69	14	16
Malásia	62	29	9
Média dos países da OCDE	34	43	26

Fonte: OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico)

Tempo que os alunos passam em sala

Nas escolas públicas, em 1996, em horas por ano letivo	De 1ª à 4ª série	De 6ª à 8ª série	Ensino médio
Argentina	788	875	875
Brasil	667	667	667
Chile	860	860	860
Uruguai	732	534	534
Indonésia	1.140	912	912
Média dos países da OCDE	791	700	633

Fonte: OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico)

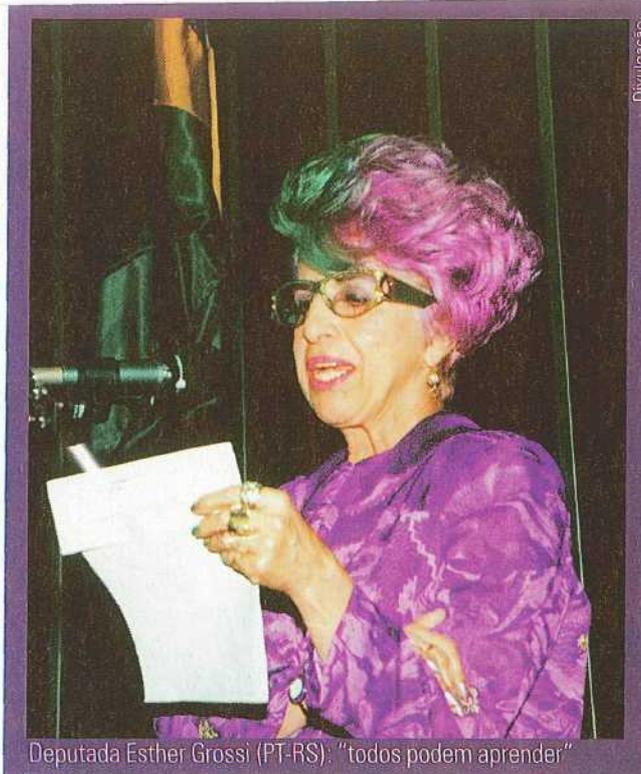
na escolha da escola. Outros levam em conta o preço das mensalidades, além de dúvidas quanto à linha pedagógica.

O educador Nilton Ismael Rosa, professor da Escola Classe da 204 Sul de Brasília (DF), é da



opinião que os pais devem participar como principais interessados no desenvolvimento da qualidade do ensino e não como substitutos da direção da escola. "Os pais devem saber qual a filosofia e o projeto pedagógico da escola de seus filhos", alerta Rosa. Ele defende o fortalecimento do conselho escolar eleito por via direta, com autonomia para escolher a direção da escola (escolha técnica e não política), como o mais forte aliado na condução democrática e eficiente dos colégios. Para a pedagoga Ana Paulina Elias, de Guarulhos (SP), o importante são propostas de participação dos pais que reduzam o distanciamento entre a escola e a comunidade. E isto, conforme ela, deve ocorrer através do comparti-

lhamento de responsabilidades, das discussões dos problemas e da abertura de canais de comunicação/negociação, não só



Deputada Esther Grossi (PT-RS): "todos podem aprender"

administrativos e financeiros, mas sobretudo pedagógicos.

"A comunidade tem que estar sabendo, em primeiro lugar, que todos podem aprender. E não se satisfazer e não se contentar com pouca aprendizagem", afirma a educadora e deputada federal Esther Pillar Grossi (PT-RS), para quem a comunidade tem que exercer o papel de muita exigência e de muita vigilância, para que de fato a escola ensine todas as crianças.

Radiografia Se fosse feita alguma radiografia dos inúmeros métodos pedagógicos adotados pelos colégios tradicionais e alternativos Brasil afora, públicos e privados, o que se descobriria? Talvez a constatação de que ainda "prevalecem os méto-

dos tradicionais defendidos por saudosistas em descompasso com as transformações do mundo", segundo opinião da professora Ana Paulina. É verdade, porém, que há professores que ainda recorrem ao método tradicional de ensino, simplesmente por desconhecerem práticas pedagógicas modernas. Um desses métodos alternativos é o construtivismo, criado pela educadora argentina Emília Ferrero. Ana

Paulina esclarece que o construtivismo ensina a aproximação do conhecimento universal acumulado pelas sociedades, através de problematizações de situações relevantes, por meio de orientações dos professores, pesquisas, muito diálogo e troca de experiências.

Adepto do construtivismo, o professor Nilton Rosa adota em sala de aula a pedagogia crítico-social do conteúdo, sistematizada pelo educador brasileiro Demerval Saviani, cujo mote é o respeito ao ritmo de cada aluno. "Com o construtivismo, a pedagogia crítico-social do conteúdo é a grande revolução na educação brasileira, por estimular o aluno a pensar". Rosa diz que o

método formulado por Saviani é uma síntese superadora entre a escola tradicional (com suas etapas rígidas e seus modelos compartimentados de ensino) e a Escola Nova, movimento surgido na década de 30 e que anula praticamente a figura do professor para, em seu lugar, enaltecer a do aluno.

Esther Grossi joga energia nesse debate e diz não ter dúvidas de que a melhor educação se baseia no que chama de pós-construtivismo (uma fusão do pensamento de quatro grandes pedagogos do nosso século: Jean Piaget, Vygotsky, Walloun e Paulo Freire). "Penso que o mais importante no sistema educacional, na atitude de um professor, é que ele não faça misturas de modelos teóricos. O modelo teórico é o que está por trás da prática

dos professores. Os alunos realmente se prejudicam com a falta de coerência interna entre a atitude em torno do professor e os sistemas educacionais. O importante na aprendizagem é a relação do professor com o aluno. É a qualidade do vínculo que ele estabelece com a turma de alunos. Precisamos do atacado e não só do varejo. Precisamos ter propostas que sirvam a todos".

O importante é
a relação do
professor com
o aluno

FA

Remuneração dos professores em nível nacional



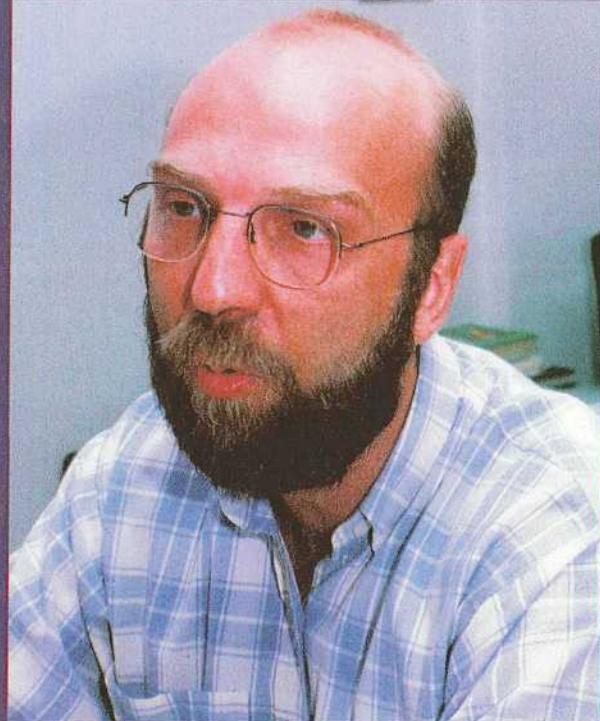
Obs:

Os salários aqui publicados referem-se ao pagamento dos professores do ensino básico da rede pública estadual, em início de carreira, no mês julho de 1998

UF	MAGISTÉRIO		LIC. CURTA		LIC. PLENA		CARGA HORÁRIA
	Salário	Remun.	Salário	Remun.	Salário	Remun.	
AC	140,42	140,42	168,57	202,20	224,71	269,65	20h
AL	120,00	192,00	156,00	249,60	218,40	349,44	20h
AM	120,00	354,24	138,24	446,58	149,06	516,62	20h
AP	81,93	223,66	100,78	238,55	123,96	348,80	20h
BA	126,25	230,44	168,49	262,18	210,72	312,86	20h
CE	123,76	173,26	182,85	268,79	222,26	333,38	20h
DF	164,64	847,98	208,00	976,81	252,22	1.137,79	40h
ES	222,47		270,67		316,65		25h
GO	129,69	129,69	156,92	156,92	189,87	189,87	20h
MA	100,00	200,00	179,60	413,08	340,00	553,59	20h
MG	212,53	255,04	317,64	381,17	382,28	458,74	24h
MS	54,54	238,18	95,16	287,24	130,88	336,32	22h
MT	106,99		112,35		138,47		20h
PA	112,00		112,00		148,94		20h
PB	120,00	144,44	124,62	149,64	166,38	212,95	40h
PE	186,67	280,00			300,62	450,93	40h
PI	102,18	143,05	105,48	147,67	121,99	170,78	20h
PR		257,00				340,00	20h
RN	40,39	326,56		357,73	96,00	426,73	40h
RJ	130,00	409,00	136,00	530,36	*145,44	*594,00	20h * 16h
RO	100,00	433,00	134,79	612,58	157,00	775,00	40h
RR	272,46	818,24	331,20	897,54	402,59	993,92	40h
RS	141,29	211,83	155,42	233,13	169,65	254,32	20h
SC	277,39	360,61	354,11	389,52	452,03	497,23	40h
SE	182,53	306,65	210,52	351,64	355,46	676,79	40h
SP	488,00	520,00	564,92	614,00	610,00	642,00	24h
TO	274,76	383,71	370,95	517,44	500,75	703,82	40h

Fonte: sindicatos de base.

* No estado de Mato Grosso houve aumento salarial, porém não dispomos ainda dos novos valores



Agnaldo Azevedo

Carlos Augusto Abicalil, da CNTE

Rigidez Hoje em dia, a rigidez da maioria das escolas tradicionais nem sempre é sinal de homogeneidade. Este é o caso do Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, uma escola pública que há 120 anos forma alunas para o magistério. Tradicionalismo no ensino ainda é norma no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Esse estabelecimento foi criado em 1888 por decreto de dom Pedro II, passando a adotar currículo do Ministério da Educação apenas a partir dos anos 80. Foi-se o tempo em que o Colégio Militar carioca se destinava tão-somente aos filhos de militares e órfãos de heróis desaparecidos na Guerra do Paraguai. Hoje, até as mulheres são aceitas como alunas. Já a experiência com colégios alternativos no Brasil remonta ao período da década de 60, em pleno regime militar, quando o país vivia uma fase de efervescência político-cultural. Apelidadas inicialmente de experimentais, as escolas alternativas propõem um projeto pedagógico de cidadania com base em teorias de educadores como Piaget, Paulo Freire, Emília Ferrero, Demerval Saviani, Celestin Freinet, Vygotsky e Walloun. Algumas poucas es-

60 milhões de
adultos mal
conhecem as
letras
FA

colas adotam ainda métodos que não impõem limites de qualquer natureza para as crianças, como é o caso do diretivismo de Rogers. No tocante ao ensino infantil, um dos mais usados é o método Montessori (a criança é estimulada a desenvolver atividades que a façam pensar). Em comum entre eles, o respeito à individualidade e às diferenças de cada aluno.

Nesse universo de escolas tradicionais e alternativas, a educação atravessa no Brasil uma situação relativamente caótica e ainda continua distante do ideal de um processo de totalidade. Em 1994, ao chegar ao poder, o presidente Fernando Henrique Cardoso reafirmou o princípio da "educação para todos" como um dos seus compromissos impostergáveis com a nação brasileira. Passados quatro anos do seu primeiro mandato, cresceu o número de alunos em todos os níveis, mas o funil educacional se mantém como um sério problema, associado à má qualidade de ensino. Nesse cenário figuram professores mal remunerados e escolas mal equipadas.

A taxa de analfabetismo permanece elevada. São quase 60 milhões de adultos sem qualquer familiaridade com as letras, entre analfabetos literais e funcionais (aqueles que mal aprenderam a ler e escrever e quase nada entendem do conteúdo de um texto). Cerca de dois milhões e meio de crianças entre sete e 14 anos continuam fora do sistema educacional. Dos alunos brasileiros que cursam atualmente o primeiro grau, 46,7% não estão na série correspondente à sua faixa etária. Entre os que frequentam a primeira série primária, 38% têm oito anos ou mais. No segundo grau, a

Educação: uma aula que começou com D. Pedro I

O ato adicional à Constituição de 1834, promulgado antes da maioridade de dom Pedro II, deu poderes para as províncias proverem a instrução pública no Brasil. Foi a partir daí que o ensino brasileiro passou a ser financiado pelos impostos de consumo provinciais e não mais pelo "subsídio literário", como ocorria até então, multiplicando-se escolas por cidades e vilas e fundando-se os liceus secundários pelas capitais.

Os liceus secundários, formados à imagem e semelhança do Colégio Padrão da Corte, são o protótipo curricular e administrativo da maioria dos colégios públicos brasileiros. De 1834 a 1900 a expansão das escolas públicas de salas reunidas (liceus secundários e grupos escolares primários) disfarçava a divisão do trabalho na atividade escolar. Fatos novos nessa área surgiram a partir da urbanização.

Os pólos de industrialização que se criaram em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia provocaram três ondas de expansão escolar pública: ensino primário (décadas de 30 e 40); ensino secundário (décadas de 50 e 60); e ensino superior (na década de 70). Daí foi um pulo para a profissionalização da atividade docente. Nos anos 50 surgiu a categoria do magistério primário, advinda das escolas normais e institutos de educação e logo organizada em associações de professores. Os professores secundários foram formados em licenciaturas plenas, curtas e curtíssimas, hoje congregados em torno da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação).

distorção entre a série e a idade do aluno é ainda maior, subindo para mais de 53%. A metade das crianças que entram no primeiro grau não conclui a quarta série. São dados oficiais.

Lógica O processo de verticalização da escola brasileira tem sido, ao longo dos anos, resultado de uma regra de desenvolvimento cuja lógica se assenta na contradição brutal entre a geração de riqueza e sua distribuição. Para Esther Grossi, a pilha fraca da educação no Brasil está no superconservadorismo do modelo de ensino, apegado a esquemas antigos e ultrapassados. Ela diz que as mudanças no setor têm de acontecer no jeito de ensinar. "Descobertas científicas recentes podem revolucionar inteiramente a sala de aula, como a de que o ser humano não nasce inteligente mas, pelo contrário, aprende a ficar inteligente. Todos podemos aprender. Então é completamente diferente o que pode vir a ser a escola", declara a parlamentar gaúcha.

Para reforçar essa sua tese, Grossi cita dois exemplos de experiências educacionais bem-sucedidas. A primeira se deu em meados do ano passado, na cidade de Porto Alegre (RS), quando mil mulheres da parcela mais pobre da população (entre 16 e 86 anos) foram alfabetizadas em apenas três meses. Similar experiência aconteceu em Campinas (SP) e envolveu deficientes físicos. Ali, em cinco meses de trabalho ininterrupto, 90% dos portadores de síndrome de Down estavam lendo e escrevendo. Situações como essa, segundo ela, demonstram o quanto é possível revolucionar na área de educação, em que pese a baixíssima aprendizagem apresentada pelas escolas do país, como conseqüência da desqualificação do ensino, na forma de um empobrecimento técnico, material, didático-pedagógico e político.

Quantidade e qualidade não andam se bicando no sistema educacional brasileiro. O relatório "Situação Mundial da Infância - 1999", divulgado pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), informa que o Brasil foi o país em desenvolvimento que mais avançou na garantia do acesso à escola: 95% das crianças de sete a 14 anos estão matricu-



O ensino brasileiro possui escolas díspares em qualidade, muitas totalmente ultrapassadas

ladas no ensino fundamental (antigo primeiro grau), ao mesmo tempo em que a qualidade do ensino permanece deficiente, com distorções graves como a repetência escolar e a defasagem idade/série. Além disso, o modelo predominante na escola do país junta redes municipais, estaduais e federal que coexistem sem se integrar, numa esdrúxula distribuição de tarefas.

Desarticulação Enquanto o Brasil não tiver um sistema nacional de educação, que responda às demandas de natureza político-

administrativo-pedagógica do momento, o sonho de pôr fim a essa desarticulação das redes e às discrepâncias regionais que produzem escolas extremamente díspares em qualidade dificilmente vai tornar-se realidade. Existem lacunas que precisam ser resolvidas para ontem. É imperativo romper com o processo de inadequação da escola, de sua organização verticalizada, seus métodos e conteúdos distantes do universo dos alunos oriundos da população mais pobre.

Esta constatação define limites que condicionam as soluções para o problema educacional. A deputada Esther Grossi

acha que, antes de qualquer coisa, é indispensável considerar os quatro graus de ensino (educação infantil - de zero a seis anos, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) como um corpo estrutural. "Vivemos um estarrecido quadro de não-aprendizagem, inclusive com saídas absolutamente equivocadas de pensar que não-aprendizagem significa não-aprovação. De achar que não fazendo avaliação, e portanto não reprovando, a gente resolve o problema da aprendizagem. Isso seria como, na medicina/pediatria, achar que a desnutrição é causada pela pesagem regular dos alunos. Daí que o panorama do ensino brasileiro é de possibilidades não aproveitadas, com condução inadequada das articulações governamentais para que a escola no Brasil cumpra o papel que a sociedade espera dela".

Carlos Augusto Abicalil, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), credita ao baixo índice de investimento - média de 3,8% do Produto Interno Bruto (PIB) - os salários aviltados de professores, as instalações inadequadas das escolas e a falta de equipamento técnico para o sistema pedagógico. Abicalil alerta: "Do ponto de vista conceitual, a educação não pode ser entendida como uma necessidade mercantil. As sociedades que lograram êxito como projeto social e como avanço da conquista da cidadania foram aquelas que trataram a educação como direito. Considerar a educação como direito é o grande divisor de águas do ponto de vista de qual o melhor projeto pedagógico para os nossos filhos".

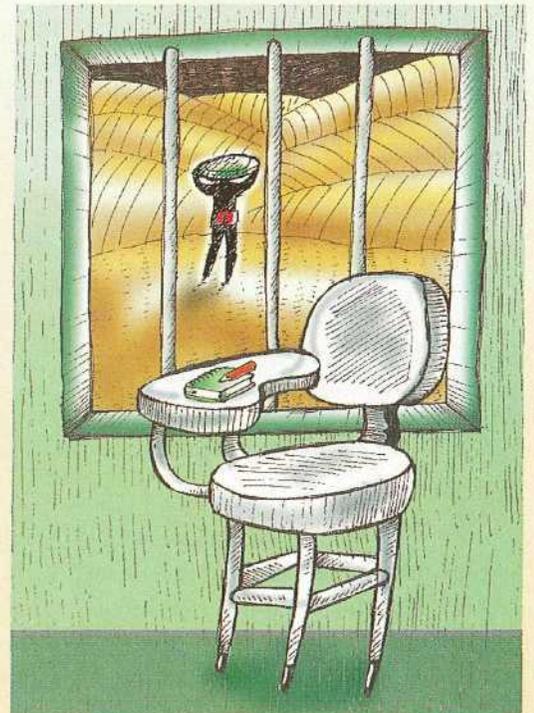
Raciocínio semelhante tem Edson Machado de Souza, chefe de gabinete do Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Ele afirma que a melhor educação, em qualquer país do mundo, é a que forma o cidadão. "A introdução de parâmetros curriculares nacionais, por exemplo, é uma forma de chamar a atenção dos sistemas e dos próprios professores em sala de aula para a necessidade de uma formação eclética e humanística, associada com a formação de valores morais e éticos", vaticina Edson de Souza.

Unicef reprova o ensino brasileiro

Nosso país é um dos mais ineficientes no quesito educação na América Latina e Caribe

O relatório "Situação Mundial da Infância - 1999", divulgado recentemente pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), aponta o Brasil como um dos países mais ineficientes da América Latina e Caribe no quesito educação. A qualidade do ensino brasileiro recebeu nota abaixo de cinco do Unicef e Agop Kayayan (representante do organismo no Brasil) teme que o corte de R\$ 650 milhões no dinheiro destinado à educação em 1999, decorrente do ajuste fiscal que o governo Fernando Henrique Cardoso negociou com o Fundo Monetário Internacional (FMI), piore ainda mais essa situação.

Divulgado anualmente, o relatório do Unicef mede a eficiência da educação a partir das taxas de evasão e repetência no ensino fundamental (antigo primeiro grau) apresentadas por todos os países. No Brasil, do total de crianças que entram na primeira série do ensino fundamental, 29% deixam de estudar sem terem concluído o primário. A taxa de analfabetismo entre jovens de 15 a 19 anos chega a 6,8% e se constitui numa das marcas registradas da educação nacional. Realidades como essa, segundo o Unicef, fazem com que



o desempenho educacional do Brasil seja idêntico ao do Paraguai e inferior ao do Burundi (África central), países com renda per capita abaixo da brasileira.

Para o Unicef, o alto índice de mortalidade infantil no Brasil tende a comprometer o futuro do desenvolvimento social do país. São 44 mortes a cada 1.000 crianças de até cinco anos nascidas vivas, de acordo com levantamento de 1997. Essa taxa deixa o Brasil em pior situação do que o México (35 mortes), Paraguai (33) e Argentina (24). No quesito mortalidade infantil, o Unicef listou 191 países e o Brasil ocupa a 108ª posição.



Em muitas escolas o conteúdo dos currículos não reflete a realidade brasileira, dificultando o aprendizado e deixando os alunos passivos diante dos pro

Mecanismos

A educação brasileira carece ainda

de mecanismos de controle democrático sobre a atividade de ensinar e de aprender. Órgãos normativos como o Conselho Federal de Educação foram transformados em castelos que representam, muitas vezes, os interesses privatistas e mais tradicionais. "Vivemos um processo de democratização da sociedade brasileira e a prática educativa como parte da dimensão política não poderia estar alheia a essa circunstância, uma vez que educação e política devem ser entendidas como manifestações da prática social", garante a educadora Ana Paulina. Ela revela que, no âmbito da escola pública, as propostas de ciclos em substituição à seriação, garantia de renda mínima, extinção de exames (vestibular) na passagem dos diferentes graus propiciam a permanência dos alunos no sistema educacional. "Projetos de educação à distância via

meios de comunicação estimulam a educação permanente".

Outro aspecto nevrálgico é o da formação profissional. Grande parte das instituições encarregadas da qualificação profissional no Brasil ainda pratica formas de condicionamentos que separam o aprender do ensinar, o conteúdo curricular da realidade social do país e o trabalho manual do intelectual. Para Nilton Rosa, pedagogo brasileiro, o MEC peca na formação e reciclagem do professor. Ele denuncia: "Falta política nacional de reciclagem do professor, além de que a formação profissional deve estar vinculada à cotidianidade da escola". O presidente da CNTE, Carlos Abicalil, acha que a profissionalização da tarefa pedagógica é condição sine qua non para que a escola brasileira se

constitua em um espaço de alegria e de boniteza.

Não é difícil alcançar esse patamar de qualidade. Um dos caminhos é a valorização da cultura dos professores com o pagamento de salários dignos, de acordo com a deputada Esther Grossi, para quem os dois principais problemas da educação são financiamento e aprendizagem. O sindicalista Abicalil defende uma nova orientação para a política de gastos públicos do país. "O acesso ao conhecimento e aos códigos que

hoje estão postos pela informática, jogos de videogames, agendas eletrônicas e notebooks têm de fazer parte do Cotidiano da escola. Um dos importantes e urgentes desafios é tomar a decisão política em favor de quem se quer fazer uma educação melhor".

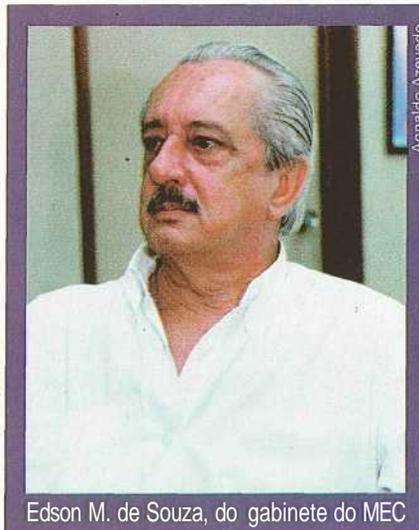
Quem será
favorecido com
uma educação
melhor?

FA

O perfil do sistema educacional mudou

O chefe de gabinete do MEC afirma que a educação mudou, para melhor

Edson Machado de Souza, graduado em matemática com pós-graduação em economia, é o atual chefe de gabinete do ministro da Educação e do Desporto (MEC), Paulo Renato de Souza. Ele concedeu a seguinte entrevista para FENAE AGORA.



Edson M. de Souza, do gabinete do MEC

FA - Que mudanças estão ocorrendo nas linhas educacionais do país?

Edson Machado - São de duas naturezas. Há todo um marco institucional baseado em novas leis e decretos que mudaram profundamente o perfil do sistema educacional brasileiro (a própria Constituição foi reformulada para se adequar a esse novo momento). O segundo tipo de mudança que vem ocorrendo, ao longo desses últimos quatro anos, é de caráter operacional. O principal mecanismo de financiamento do ensino fundamental foi reformulado por emenda constitucional aprovada em 1996, que permitiu a criação do chamado Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental. Esse fundo não existia antes, foi criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso e visa redistribuir os recursos fiscais destinados à educação.

FA - Que panorama geral o sr. faz do sistema educacional brasileiro?

Edson Machado - Estamos avançando a passos largos em duas direções. Em primeiro

lugar, no que se refere à dimensão quantitativa. O registro é de crescimento em todos os níveis de ensino. Em 1998 o índice de matrículas de crianças de sete a 14 anos foi da ordem de 96%. Atingimos neste ano uma meta que só era esperada para o ano 2003. O fluxo de alunos dentro do sistema também vem melhorando, com diminuição da repetência e da evasão escolares. No tocante à dimensão qualitativa, estamos implantando uma sistemática de avaliação da qualidade do livro didático. Sabemos que o livro didático é importante para o trabalho em sala de aula, principalmente nas escolas do interior do país onde os professores não dispõem muitas vezes de outros meios para auxiliá-los nas tarefas com os alunos. A TV Escola, por outro lado, está se afirmando como instrumento da maior importância para ajudar o professor no seu trabalho em sala de aula. Esses são apenas dois exemplos de ações do MEC com im-

pactos na qualidade do ensino, ainda que não se faça sentir tão rapidamente como gostaríamos.

FA - Qual o mote da política educacional do governo?

Edson Machado - No primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, o grande mote foi toda criança na escola de qualidade. Foi isso que motivou todas as campanhas educacionais desenvolvidas nos últimos quatro anos. A cada ano foram realizadas campanhas de mobilização da sociedade, quando o governo buscou conscientizar a comunidade para a importância da educação. Qualidade da educação não é só o governo que faz. É preciso que haja um forte envolvimento da sociedade no processo educacional.

FA - O sr. acha que o ajuste fiscal, que prevê corte de gastos na área social, pode atrapalhar as metas educacionais do governo?

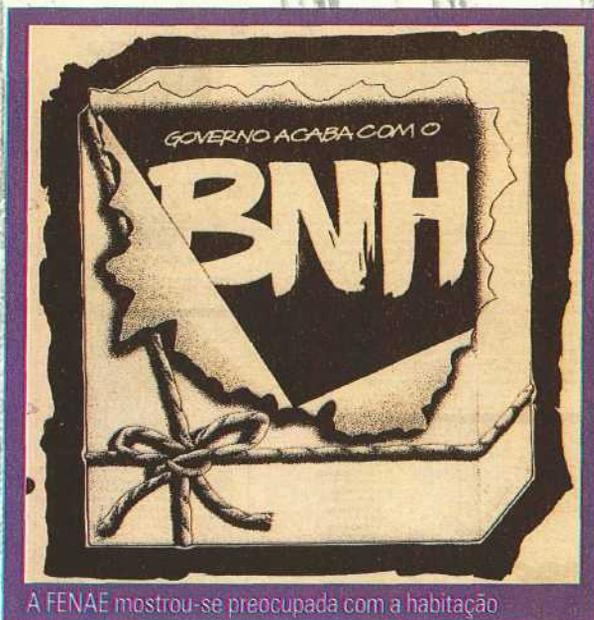
Edson Machado - Não, em princípio, especialmente no que se refere ao ensino básico. O principal mecanismo do ensino fundamental na área do governo federal, e que não é atingido pelo pacote fiscal, é o salário-educação. Trata-se de uma receita vinculada à área da educação. O pacote fiscal atinge basicamente recursos oriundos da receita tributária da União. Os programas do MEC a ser atingidos por medidas fiscais do governo se referem ao ensino superior. O ensino médio, que representa o desafio para o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, é mantido por recursos externos decorrentes de empréstimos internacionais (Bird e FMI).

Há 28 anos ...

Combate à extinção do BNH

A incompetência administrativa que levou à extinção do Banco Nacional de Habitação (BNH) foi tratada na edição do jornal FENAE? Notícias de novembro de 1986. Pelo decreto 2.291, de 21 de novembro de 1986, a Caixa sucedia o BNH "em todos os seus direitos e obrigações".

Uma comissão de trabalhadores da instituição, com apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e de mais 35 entidades, buscou em vão revogar o decreto que extinguiu o banco. Nem mesmo audiências com os ministros



Dilson Funaro, da Fazenda, e Aureliano Chaves, das Minas e Energia, com o deputado federal Ulysses Guimarães (PMDB-SP) possibilitaram a reversão da medida.

A maior preocupação dos empregados, segundo a comissão, não era com as demissões, mas sim com a perda do acervo técnico e cultural acumulado pelo BNH em 22 anos de história.

O BNH era o instrumento maior da política federal de habitação, sendo o órgão normalizador! do Sistema Financeiro de Habitação. E a FENAE demonstrava, à época, preocupação com os rumos da política habitacional no país.

NOSSOS PERSONAGENS

Pagu, a musa da Semana de Arte Moderna

O mais autêntico símbolo da ousadia e inconformismo artístico e cultural de seu tempo. A definição é do escritor modernista Oswald de Andrade. A mulher em foco, Patrícia Galvão, a Pagu.

Nascida em nove de junho de 1910, na cidade de São João da Boa Vista (SP), Patrícia Rehder Galvão despertou-se para a literatura quando surgiu o grande marco da cultura brasileira, a Semana de Arte Moderna, de 1922, passando a conviver com Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral (então mulher de Oswald). Escreveu para a Revista Antropofágica e produziu obras como "Álbum de Pagu" e "Diário a quatro mãos", com Oswald de Andrade.

Depois da separação de Oswald e Tarsila, Pagu casou-se com o escritor. Em 1931, o casal ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e passou a editar o jornal "O homem do povo". Ela assinava a coluna "Mulher do povo". Publicou também o romance "Parque industrial", obra que reflete sua solidariedade ao movimento proletário e ao comunismo. Presa durante um comício de estivadores em Santos (SP), o partido a obrigou a declarar-se "uma agitadora



individual, sensacionalista e inexperiente".

Como correspondente de jornais, percorreu o mundo. Em Paris, onde esteve como estudante da Sorbone, acabou novamente presa como comunista, sendo obrigada a voltar ao Brasil. Aqui o Estado Novo de Getúlio Vargas a mandou novamente para o cárcere, onde passou quatro anos. A partir de então, Pagu dedicou-se apenas ao jornalismo e à cultura, vindo a falecer em 12 de dezembro de 1962, em Santos (SP).

NOSSO SEGURO
DE CARRO COBRE
COLISÃO, INCÊNDIO,
ROUBO E
GORDURINHAS
LOCALIZADAS.

SASSE CAIXA
SEGUROS

PERÍODO DE VALIDADE DA PROMOÇÃO: Para aplicações novas, de 16/11/98 a 28/02/99. Para renovação da aplicação: 16/11/99

FAÇA O SEGURO DO SEU 4 RODAS
E LEVE + DUAS POR APENAS

R\$ 49,90



Nada melhor do que ter uma bicicleta 18 marchas novinha para curtir o fim de semana. Para adquirir a sua por um preço mais que especial, você só precisa fazer um seguro de automóvel da SASSE CAIXA. Informe-se com o seu corretor ou em uma agência da CAIXA.



SASSE CAIXA
SEGUROS

CENTRAL SASSE CAIXA DE ATENDIMENTO: 0800-166383

A doença do século

Em um minuto 11 pessoas são infectadas pela Aids. No mundo, cerca de 33 milhões

Aids avança no mundo e isso se pode contar em minutos. Segundo o relatório anual do Programa das Nações Unidas contra a Aids (Unaid), a cada 60 segundos 11 pessoas são infectadas pelos vírus HIV no mundo. O aumento da doença em 1998 provocou 2,5 milhões de mortes, 10% a mais que em 97.

O acesso precário à saúde e a falta de políticas públicas facilitam o desenvolvimento da síndrome da imunodeficiência adquirida nos países subdesenvolvidos, onde se concentraram 95% das mortes no ano. Com os números de 98, a Aids já contabiliza 33,4 milhões de pessoas infectadas e 13,9 milhões de mortes desde

que foi oficialmente descoberta.

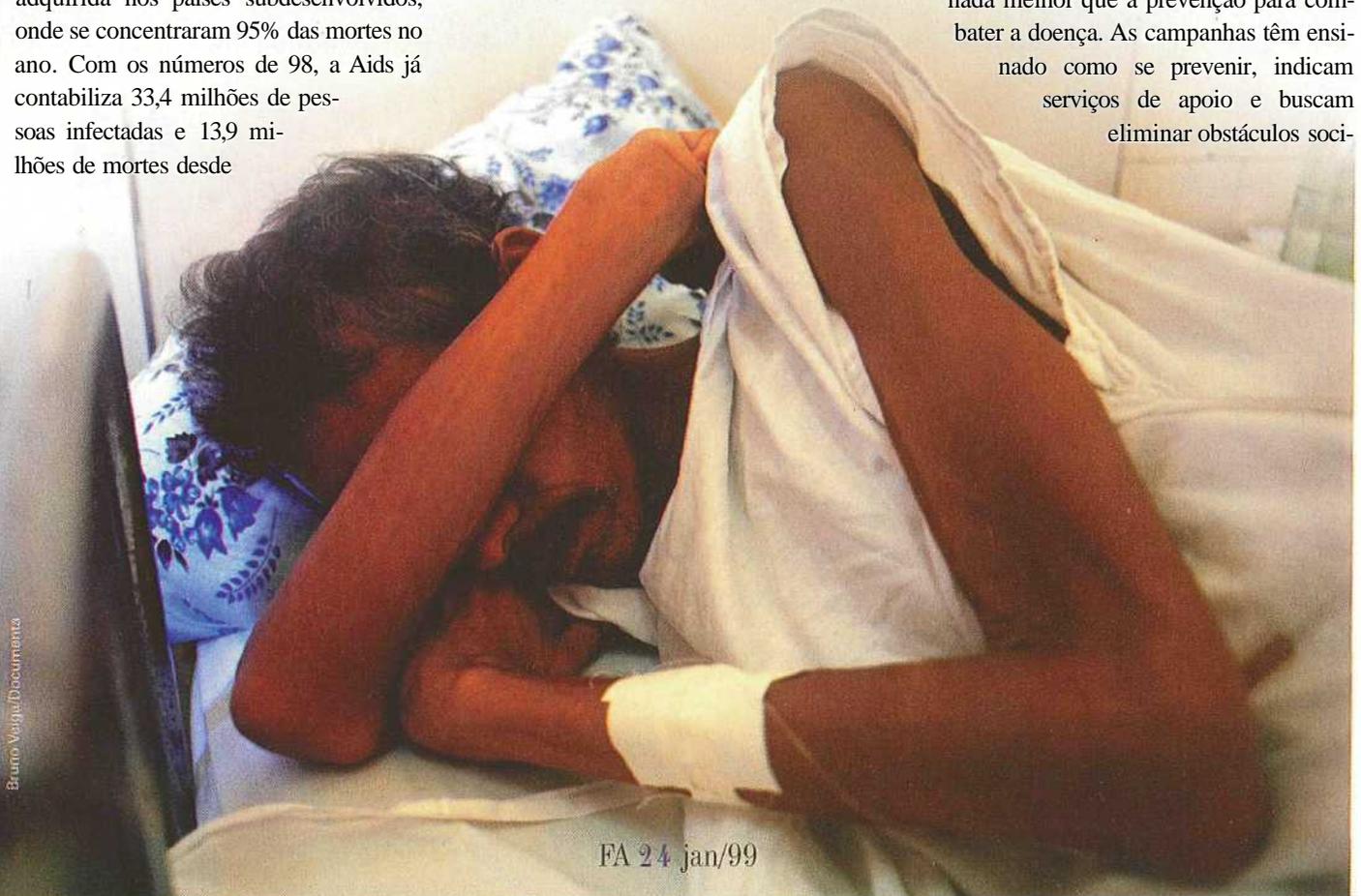
Os países da África abaixo do deserto do Saara são os mais afetados pela Aids, com 22 milhões de casos registrados, de acordo com o Unaid. No¹ Brasil, são 140 mil casos, segundo a Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (CN-DST/Aids) do Ministério da Saúde.

Além de ter aumentado, a Aids mudou de perfil. As relações sexuais entre pessoas de sexo diferente já representam 38% dos casos registrados. Há 10 anos, eram ape-

nas 6%. As mulheres heterossexuais respondem por 28% dos novos registros.

Segundo o Ministério da Saúde, o usuário de drogas injetáveis tem servido de ponte de transmissão da Aids para outros grupos, principalmente jovens, mulheres e casais heterossexuais. Entre as mulheres infectadas, em geral é o parceiro que usa drogas ou tem outras relações, hetero ou homossexuais. Mas é exatamente sobre os toxicômanos que se lança boa parte dos programas de conscientização.

Sendo a Aids mortal, não se inventou nada melhor que a prevenção para combater a doença. As campanhas têm ensinado como se prevenir, indicam serviços de apoio e buscam eliminar obstáculos soci-



O XX

s de pessoas têm o vírus

ais e econômicos à prevenção. Isso inclui mecanismos de alto impacto, como a esterilização de utensílios, acesso facilitado a preservativos, programas de tratamento de usuários e combate à demanda por drogas injetáveis.

Se a informação não é o problema, o comportamento de se proteger ainda é incipiente. "O nível de conhecimento é alto em relação à Aids e à prevenção, mas a atitude de se prevenir ainda é muito baixa", diz uma fonte na CN-DST/Aids. O exemplo dos preservativos é claro: a tendência é que as pessoas diminuam a frequência de uso após relações reiteradas com o mesmo parceiro.

Pelo menos já se observa uma mudança no comportamento, principalmente sexual, para combater o crescimento da doença. Pesquisa realizada pela CN-DST/Aids revela que o uso da camisinha é muito mais disseminado entre os jovens.

O preservativo, aliás, é motivo de uma pequena celeuma. A Câmara dos Deputados está apreciando isenção a empresas que distribuírem camisinhas a seus trabalhadores junto com a cesta básica. Também já há, entre os secretários de fazenda estaduais, acordo para redução do ICMS sobre o produto para garantir preços mais baratos. Nos dois casos, é a velha tática do cobertor: cobrir uma parte do corpo (garantia de acesso à proteção contra a Aids) descobrindo outra (diminuição dos recursos de outras áreas sociais).

Solidariedade ainda é o melhor remédio

Discriminação diminuiu, mas ainda é muito forte.

Luta dos portadores do HIV é pela cidadania

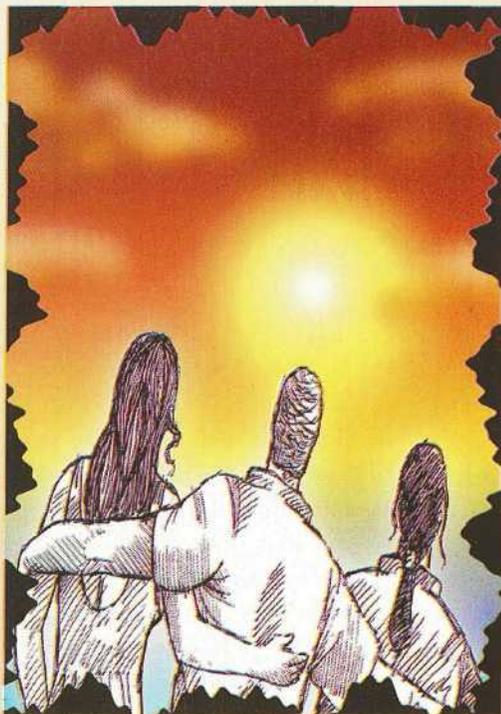
A face da morte já não é a única máscara com que a sociedade vê os portadores do vírus da Aids. L.G., 38 anos, HIV positivo há seis anos, acredita que "ainda existe muita discriminação, mas a imagem negativa não é mais tão forte como no passado". Coordenador de uma organização não-governamental que presta assistência a famílias de portadores do HIV, L.G. diz que os comportamentos vêm sendo alterados há cerca de três anos.

Para ele, a base do preconceito contra a doença é a família, com raízes ainda mais profundas. "A Aids é o elo final", considera L.G., que pediu para não ser identificado.

A entidade da qual ele participa luta para reverter a imagem que os portadores do vírus têm perante a sociedade, como a que ilustra esta matéria (na página ao lado). "Para as outras pessoas somos magros, temos cara de coitadinhos e a morte na testa", exemplifica.

Entretanto, graças às mudanças de comportamento, apesar de tímidas, muitos portadores do HIV já podem viver normalmente em seu círculo social. "Temos condições de viver, ser felizes, amar e trabalhar", lembra L.G.

Ele próprio é um exemplo de que a Aids não impede a vida. Há seis anos, quando descobriu que tinha o vírus,



procurou a entidade da qual hoje faz parte. Descobriu que as ONGs que cuidam de HIV positivos precisam de muito mais ajuda. Descobriu também, após seis anos de trabalho voluntário, que as famílias atendidas deixaram de ser pobres para virarem miseráveis. "É a pauperização da Aids, que nos preocupa muito pela falta de condições que essas pessoas têm de sobreviver".

Além de ajudar famílias, sua entidade também trabalha no incentivo à solidariedade entre as pessoas, talvez a necessidade mais urgente que têm os portadores do vírus da Aids. "O resgate da cidadania é gratificante", conta L.G.

CPI fora do arquivo

A Constituição de 1988 fortaleceu o instituto da CPI. Diz o artigo 58 da Carta Magna que as comissões parlamentares de inquéritos têm poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, podendo quebrar sigilo bancário, requisitar documentos e convocar governantes. O atual governo mor-

re de medo de CPI. Embora não tenha faltado requerimento para a CPI do Proer, CPI da reeleição, CPI do grampo, a verdade é que nenhuma (exceto a CPI dos títulos públicos) saiu do papel. Porém, deputado mais experiente já anda dizendo que a nova legislatura no Congresso promete ser mais animada.

História do Congresso

Para quem não se lembra da Lei Falcão, veja o que diz o seu autor: "Desde a eleição do presidente Castelo Branco, substituíra-se, em boa hora, o sistema de voto direto pelo voto indireto, para postos executivos. Mas eleição não deixava de haver, eleições para o Congresso Nacional, assembleias legislativas e câmaras de vereadores. E não convinha perdê-las, pois a derrota enfraqueceria o movimento de 31 de março, que reformava e modernizava o Brasil. Assim acontecendo, pensei na hipótese de uma legislação que, não suprimindo a presença dos candidatos opositoristas na disputa das urnas, reduzisse o impacto dos instrumentos de propaganda utilizados. Fortaleceu-se aí a idéia, que não era nova, de introduzir o sistema de retrato e do currículo de cada um, exclusivamente, mas todos tendo o direito de aparecer e mostrar-se ao eleitorado." (Armando Falcão, in "Tudo a declarar" - Editora Nova Fronteira - pág. 357)

Verbo & prosa

A reforma política tem ido bem no discurso. Fidelidade partidária, voto facultativo, voto distrital misto, cláusula de desempenho dos partidos políticos, restrição para edição de medidas provisórias e até mesmo financiamento público das campanhas eleitorais. Tudo isso, prometem os líderes partidários no Congresso Nacional, será discutido no primeiro semestre de 1999. O problema é conciliar o debate desses temas com o já perceptível esgarçamento da base política de Fernando Henrique Cardoso, mais precisamente PFL e PSDB.

Servidores inativos

Depois de tentar quatro vezes, sem sucesso, impor a contribuição previdenciária para os atuais aposentados da União, o governo federal incluiu novamente a medida no "ajuste fiscal" imposto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Conclusão: contando com a arrogância dos líderes governistas no Congresso Nacional, que esperavam "tratorar" a votação, a matéria foi derubada pela quinta vez consecutiva. O presidente Fernando Henrique Cardoso, ao não ter sua vontade satisfeita, lançou mão do velho jargão chamando os parlamentares de "impatrióticos".



Ansiedade: um mal inerente ao homem

Os inúmeros sintomas estão cada vez mais presentes em nosso dia-a-dia

Você tem sofrido alterações no ritmo normal do sono? Ganhou ou perdeu três quilos no último mês sem dieta? Teve queda no grau de concentração? Anda muito cansado? Tem tido pensamentos ruins relacionados a acidentes? Sua memória piorou? Cuidado. Esses fatores e outros, identificados pelo psiquiatra Henrique Schützer Del Nero, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, podem ser sintomas dos transtornos de ansiedade, um dos novos males do final de século.

"A ansiedade é inerente à condição humana", observa a psicóloga Eliana Mendonça Vilar. Segundo ela, esse sentimento é positivo quando faz as pessoas buscarem algo que falta em suas vidas.

Mas a ansiedade se torna patológica quando tem por característica a intensidade excessiva e a duração prolongada, desproporcionais ao evento que a motivou. Assim, é normal ficar ansioso na viração do ano, às vésperas do vestibular, na volta às aulas ou em entrevistas de emprego. Anormal é transformar esse alarme interno em obsessão.

Eliana comenta que a ansiedade pode acontecer tanto como um medo do passado (pesar ou remorso) e do presente (dúvida) quanto do futuro (ameaça ou

pressentimento). Quando se manifesta, geralmente vem acompanhada de tremores, sudorese, aceleração cardíaca, tonturas, boca seca, desconforto abdominal, respiração acelerada, palpitações, micção freqüente, sensação de nó na garganta e outros.

Sintomas

Desassossego, apreensão, medo, preocupação, tensão, inquietação. Até agora, os médicos ao redor do mundo ainda não chegaram a um consenso sobre os sintomas dos transtornos de ansiedade. Sem sua inclusão na classificação internacional de doenças, não é possível realizar pesquisas junto à população para saber a incidência da doença.

Sendo de difícil conceituação e, conseqüentemente, diagnóstico, também não é fácil estabelecer tratamento para a ansiedade. A medicina tradicional adota o uso de tranqüilizantes e antidepressivos. A psiquiatria se utiliza de vários métodos, como a psicoterapia ou o chamado enfoque sistêmico.

Tudo para tratar um fenômeno que, de acordo com a psicóloga Eliana Mendonça, tem três componentes básicos: espera do peri-

go, pessimismo e desorganização psíquica. Por seus amplos sintomas, manifestações e reflexos associados, a ansiedade já vem sendo considerada para muitos especialistas, como o médico americano Garry Collins, "a doença do século". **FA**

Uma cumplicida

Através dos séculos, os homens compõem poesias ligadas aos desafios presentes c

Poesia! Sabeis o que é poesia? Meio cento de palavras sonoras e vãs que um pugilo de homens pálidos entendem, uma escada de sons e harmonias que àquelas almas loucas parecem idéias e lhes despertam ilusões como a lua assombras."

(Álvares de Azevedo)

Desde a aurora dos tempos, o homem manifesta seu lirismo e emoções através da poesia. Os grandes poemas épicos da antigui-

dade pré-cristã, as trovas da Idade Média, as obras de modernidade do século XX mostram que o homem, ao mesmo tempo em que ensaiou suas próprias letras em qualquer dia remoto da adolescência, cultivou a poesia como componente social.

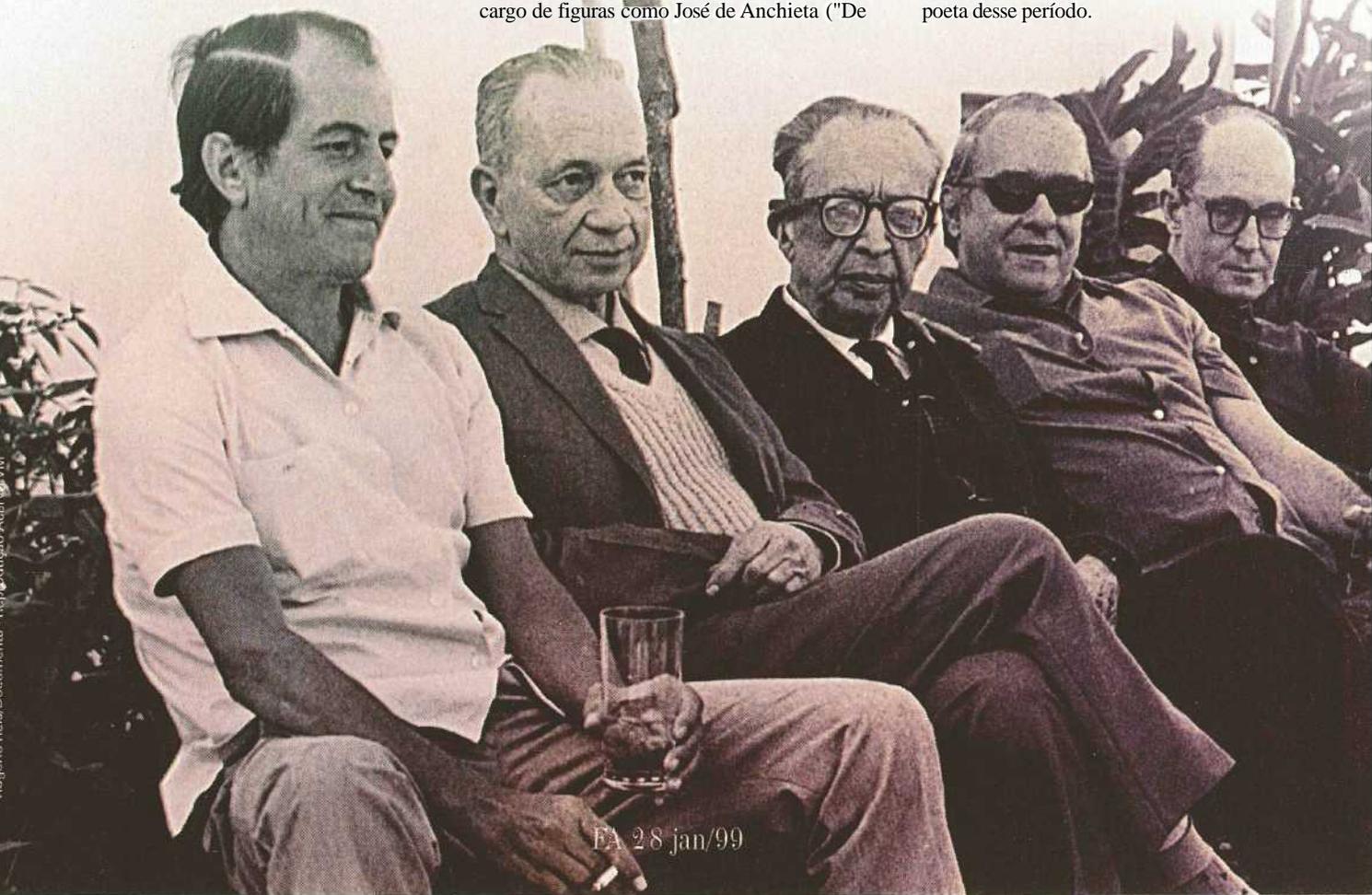
"É quase regra que a poesia se faça cúmplice da sociedade", afirma o jornalista e poeta maranhense Henrique Bóis. No Brasil, há vários momentos em que isso acontece.

Entre as primeiras manifestações literárias no Brasil colonial, estão poemas jesuítcos com o objetivo de expandir a fé católica, a cargo de figuras como José de Anchieta ("De

beata virgine Dei matre Maria") e Manuel da Nóbrega.

Às portas da Independência, havia vários poetas entre os inconfindentes mineiros. O ideal nacional nascia, também em verso, no coração dos brasileiros.

Já no século XIX, a poesia romântica era impregnada de nacionalismo, por conta da Independência recente, e exaltava os valores da pátria, a história nacional, o índio, o sertão, o regionalismo. Foi o romantismo, assim, que ajudou a criar e consolidar uma maneira brasileira de viver. Castro Alves é o grande poeta desse período.



le histórica

humanidade, externando os ideais que têm do mundo

Relegadas a segundo plano pelo parnasianismo, as tradições nacionais voltam com o modernismo, já no século XX. O verso livre dos poetas de 22, no entanto, perde espaço para os novos parnasianos da geração de 45 e para os concretistas dos anos 50, que valorizam a palavra e extinguem o verso.

Hoje Henrique Bóis cita vários exemplos recentes da relação intrínseca entre poesia e manifestações sociais. "Em 'Poema sujo', o maranhense Ferreira Gullar mostra a estética da poesia interagindo na sociedade", diz ele. Outros são Thiago de Mello, em "Faz escuro, mas eu canto", e João Cabral de Mello Neto, em "Cão sem pluma", "instante esplendoroso de nossa poesia",

Os tempos modernos, aliás, são um verdadeiro caldeirão de estilos e pensamentos diversos. "Todo poeta forte

carrega dentro de si ideais de mundo", diz o carioca Rodrigo de Souza Leão, também poeta e jornalista.

Ele acredita, no entanto, que a poesia não tem influência na sociedade. Apesar disso, reconhece a importância histórica de gênios como o francês Arthur Rimbaud e o russo Vladimir Maiakovski.

Maiakovski foi o maior nome do futurismo, uma das principais escolas do início do século XX ao lado do dadaísmo e do expressionismo. O russo conviveu com outros poetas que pautaram sua obra pelos acontecimentos sociais que desembocaram nas grandes guerras, como Guillaume Apollinaire, T.S. Elliot, Ezra Pound, Gertrude Stein e Filippo Marinetti (fundador do futurismo).

A mesma efervescência poética se repetiu após a Segunda Guerra Mundial. O maior movimento poético foi tocado pela geração beatnik, com nomes como Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti e Gregory Corso.

Passado Não é privilégio do nosso século a influência das letras líricas sobre a sociedade. Os gregos de 10 séculos antes de Cristo ataçavam suas epopeias com a poesia épica, a narração de fatos heróicos. Era o tempo de Homero, autor das insuperáveis "Ilíada" e "Odisséia", e seu sucedâneo Hesíodo, de "Teogonia (a origem dos deuses)" ou "Os trabalhos e os dias".

Os romanos imitaram - e bem - seus vizinhos clássicos. "Eneida", de Virgílio, é o maior representante do período.

Na Idade Média, a poesia se aproximou ainda mais do povo. Menestréis e trovadores, andando de cidade em cidade para divulgar

Um poeta em cada esquina caracteriza a nossa "Atenas"

São Luís, capital do Maranhão, se orgulha de ser a cidade da poesia e dos poetas. Para Henrique Bóis, que também arrisca seus versos, a quantidade de grandes poetas que nasceram na cidade funciona como incentivo à perpetuação do gênero pelas ruas estreitas e casarios históricos ludovicenses.

Gente como Gonçalves Dias (nascido em Caxias, interior do estado), Sousândrade, Raimundo Correia, Nauro Machado, José Maria Nascimento e César Teixeira, para o conterrâneo Bóis, "acabam se tornando mola propulsora para novos e até indecisos poetas por terem deixado um sentimento próprio em relação à palavra".

A poesia em São Luís não é encontrada apenas nos livros, mas se mantém viva em formas menos tradicionais. A Universidade Federal do Maranhão, por exemplo, promove há 10 anos o festival da poesia falada, que reúne antigos e novos poetas à comunidade. "Mas, de forma geral, a poesia se dá em todos os veículos", acredita o novo poeta, citando jornais, televisão e a mesa de bar, "o local mais óbvio". Todos esses eventos e produções literárias demonstram, para ele, que "a ilha de São Luís respira poesia".

O próprio Bóis procura fazer parte dessas novas manifestações culturais que pululam pela capital maranhense. Foi um dos participantes da publicação "Guarnicê", que reuniu poetas do Maranhão e estados vizinhos no início da década. Também produziu revistas, como a "Umdegrau", ao lado do cantor e compositor Zeca Baleiro. A revista durou um só exemplar, mas serviu para projetar Baleiro, poeta da nova geração da música nacional.

Da esq. para dir. Paulo Mendes Campos, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, na casa de Rubem Braga (1966)



Música

CD oficial do VI Fenec é lançado em Curitiba

Da Paraíba ao Paraná. O lançamento oficial do CD com as músicas do VI Festival Nacional de Música dos Empregados da Caixa (Fenec) aconteceu no último dia dois de dezembro, em Curitiba (PR). O festival teve João Pessoa (PB) como sede, entre os dias 19 e 21 de março passado.

A APCEF/PR foi escolhida para lançar o CD como homenagem à vencedora do festival. A curitibana Luciana Walt, autora de "Minha voz", ganhou o primeiro lugar e os prêmios de intérprete, letra, arranjo e música. O júri foi presidido pelo mestre dos sons e letras Vital Farias.

O representante da casa, Raul Marques, ficou com o segundo lugar. Em terceiro, ficou o sergipano Cícero Holanda. O Fenec teve a participação de 17 músicos empregados da Caixa, cada um representando um estado. No CD, estão as 12 músicas finalistas, gravadas ainda em João Pessoa.

A tiragem total do CD, uma promoção da FENAE e das associações estaduais do

peçoal da Caixa, é de mil exemplares. Cada um dos participantes recebeu 20 cópias. O CD tem as seguintes músicas:

"Minha voz" - Luciana Walt (Paraná)

"Lixo" - Raul Marques (Paraíba)

"Meu país" - Cícero Holanda (Sergipe)

"Casa, amor e flor" - Miguel Pacífico (Acre)

"Valsa de um violino" - José Rodrigues (Espírito Santo)

"Canto igual" - Milton Júlio Magalhães (Rio Grande do Sul)

"Lamento para uma fada" - Nilson Aquino (Bahia)

"Beleza delicadeza" - Vera Lúcia da Rocha (Alagoas)

"Despertar" - Ronaldo de Oliveira (Rio de Janeiro)

"Grito da raça" - Rosinha Peixoto (Roraima)

"Planeta vida" - Edmar Costa (Rio Grande do Norte)

"Gente do choro" - Ana Cláudia Monteiro Farias (Maranhão).

sua arte, celebraram o amor platônico a partir do século IX, na França. Os poemas do trovadorismo eram feitos para ser cantados e se dividiam em cantigas de amor e amigo - a poesia lírica - ou cantigas de escárnio e maldizer - a satírica.

Quatro séculos depois, a antiguidade clássica foi resgatada pelo humanismo, em poemas épicos bem ao gosto das populações que acompanhavam a era das navegações e descobrimentos.

Petrarca cristalizou o soneto em "Cancioneiro"; Luís de Camões, considerado o maior poeta da língua portuguesa, publicou "Os Lusíadas" em 1572; Ludovico Ariosto ("Orlando furioso") e Torquato Tasso (Jerusalém libertada) são outros nomes do renascimento.

Depois de ser o grande gênero do barroco e ser relegada a segundo plano no neoclassicismo e no romantismo, a poesia retornou do limbo com o realismo e seus parnasianos. Na segunda metade do século XIX, foi a vez dos simbolistas declararem em verso suas aspirações políticas e sociais. A poesia produziu, na época, nomes cultuados em larga escala até hoje - Edgar Allan Poe, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine, Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Rainer Maria Rilke. O marco da poesia simbolista é o livro "As flores do mal", de Charles Baudelaire, publicado em 1857.

Borrões De uma coisa a poesia não escapou em tantas idas e vindas: geração após geração, o contato com esse gênero literário é íntimo. "A idéia de que os primeiros poemas nascem nos cadernos borrados de nossa infância se confirma através de todas as gerações", atesta o maranhense Henrique Bóis.

Talvez justamente essa intimidade tenha mantido o poema como uma das principais manifestações socioculturais da humanidade. Prova de que a poesia da infância é mãe do gênero literário foi a publicação recente do livro "Cadernos de Temuco", coletânea de poemas que o chileno Pablo Neruda cometeu em sua infância.

Neruda é considerado um dos maiores poetas latino-americanos, ao lado do sempre lembrado Jorge Luís Borges. Mas, e no Brasil, quais são os maiores expoentes da poesia, hoje? Bóis, o maranhense, não se compromete: tem "uma dezena de nomes" entre seus melhores. Cita apenas o pantaneira Manuel de Barros e o Severino João Cabral de Mello Neto, também citado pelo carioca Souza Leão.

O poeta carioca, aliás, ajuda a disseminar a poesia por meios cibernéticos. Repórter de três publicações especializadas na Internet, ele só faz entrevistas via computador. 'Aos poucos a Internet vai ganhando os poetas mais arredios', garante ele. O que mostra estar a poesia, na era tecnológica, mais uma vez caminhando ao lado da sociedade e de suas mudanças.

Pérolas apesar da crise

■ **Tárik de Souza**

Recessão econômica brutal (especialmente a partir do segundo semestre), invasão dos discos piratas (no vácuo dos altos preços do CD brasileiro), ditadura do jabá (o pagamento para tocar que torna aparada de sucessos uma roleta viciada) - nada disso impediu um bom desempenho à MPB em 1998. O número de lançamentos de alta qualidade - e diversidade de estilos - foi tão grande que, felizmente, não cabe num espaço como esse. Alguns merecem destaque sem que essa lista pretenda fechar o circuito dos melhores do ano. Três discos excepcionais do produtor Pelão, do selo RGE, abrem as indicações: "Relendo Waldir Azevedo" com o mago do cavaquinho Henrique Cazes, "Relendo Garoto" com o múltiplo instrumentista de cordas Zé Menezes e "Relendo Jacob do Bandolim" pelo ás contemporâneo do mesmo instrumento Joel Nascimento. De Brasília, além de "A nova cara do velho choro", segundo CD do grupo Dois de Ouro, de Hamilton de Holanda (bandolim) e Fernando César (violão de sete cordas), Carrapa do Cavaquinho surpreende com uma leitura desarrumada do choro no seu curioso disco com a Cia. de Música (Independente).

Na área do samba, Beth Carvalho colocou ordem na bagunça da utilização do rótulo por aventureiros em seu seletivo "Pérolas do pagode" (PolyGram). Martinho da Vila rebobinou a carreira em "3.0 turbinado" (Sony), mostrando que também separa o joio do trigo. Zeca Pagodinho fez talvez o melhor disco do ano na área na mesma PolyGram, produzido por Rildo Hora. Não por acaso leva apenas o nome do autor/cantor. O selo Perfil lançou uma homenagem a Candeia, "Eterna chama" com participações especiais

que reverenciam o mestre, como Paulinho da Viola, D. Ivone Lara, Beth Carvalho, Martinho da Vila, Velha Guarda da Portela e mais. Outra homenagem de gabarito, "Diplomacia" inventaria a obra do recém-falecido Batatinha, o Cartola da Bahia. Cantam na antologia deste sambista os conterrâneos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Nelson Rufino e Edil Pacheco, além de Chico Buarque e do próprio Batatinha em seus últimos registros. Cartola, o próprio, é celebrado pelo grupo carioca Arranco (ex-de Varsóvia) em "Samba de Cartola" (Dubas). Agressivo, sem papas no gogó, Bezerra da Silva manda seu partido alto de crítica social em "Eu tô de pé" (Universal). Num contraplano suave, quase nostálgico, o paulista Eduardo Gudín rebate com "Notícia dum Brasil pra tirar o chapéu" (RGE). Ainda no território do samba, quem procura sons divergentes, mas sem perder o compasso, deve ouvir o disco de Osvaldo Pereira ("Olha Zé", Independente) com alguma incursão no funk e na toada. "Coisa da antiga" (Rob Digital), o segundo disco da Família Roitman pega de Chico Buarque ("Corrente") a Alcides, O Malandro Histórico da Portela ("Eu vivia isolado do mundo"). Já João Bosco em "Benguelê", tri-lha para o Grupo de balé Corpo, investiga as origens musicais afro-brasileiras e bate cabeça para Pixinguinha e Clementina de Jesus, entre outros bambas.

Algo parecido ao que Beth Carvalho fez com o pagode Alceu Valença obteve em seu "Forró de todos os tempos" (Sony). Ele separa a corrente principal das diluições da "oxente music", dos forrozeiros fabricados em série (muitos deles arregimentados por um único patrão). Também cintila na área o grupo

Cascaculho ("Fome dá dor de cabeça", Mangroove) formado por aplicados devotos de Jackson do Pandeiro, projetados a partir da cena recifense do festival Abril Pro Rock. Num outro pólo, o cantor Xangai (parceiro do fabuloso Elomar) reúne ases paraibanos (incluindo até Herbert Vianna, dos Paralamas) na homenagem ao Estado de Geraldo Vandré e Elba Ramalho em "Um abraço pra ti, pequenina" (Kuarup). No duplo "Frutos e raízes" (BMG), o pernambucano Geraldo Azevedo passa em revista sua carreira de harmonias ricas e melodias delicadas. De orientação cultural, sem concessões, o selo paulista CPC-UMES, dirigido pelo compositor pernambucano Marcus Vinicius, entre outros discos importantes, lançou um encontro dos cantadores nordestinos em seu festival paulista, "O desafio do repente". A agreste Dona Selma do Coco estreou em disco ("Minha história", Paradoxx) documentando, na raiz, essa vertente nordestina.

A lista é enorme, e como foi dito, não acaba aqui. Compreende desde medalhões como Gilberto Gil que gravou o excelente "O sol de Oslo" (Pau Brasil) ao lado de Marlui Miranda e Rodolfo Stroeter ao emergente (mas não novato) compositor Sérgio Santos em "Mulato", do mesmo selo. Sem dúvida, esse Brasil musical - mesmo sufocado ou oprimido por uma indústria que reflete as amarras político-econômicas do momento - são outros 500, outros mil, outro milhão. E não devem juras ou juro a ninguém.

Tárik de Souza,
jornalista

A emoção de dar um "drop"

Jovens "sarados" misturam-se com os coroas, "vivendo a vida sobre as ondas"

Em busca da onda perfeita, milhares de jovens agarram-se às suas pranchas e enfrentam ondas todos os dias nos litorais do mundo. Issa!, diriam eles. É o surfe, esporte cada vez mais praticado nas praias do planeta e que, somente no Brasil, movimentava a espantosa quantia de R\$ 800 milhões todo ano.

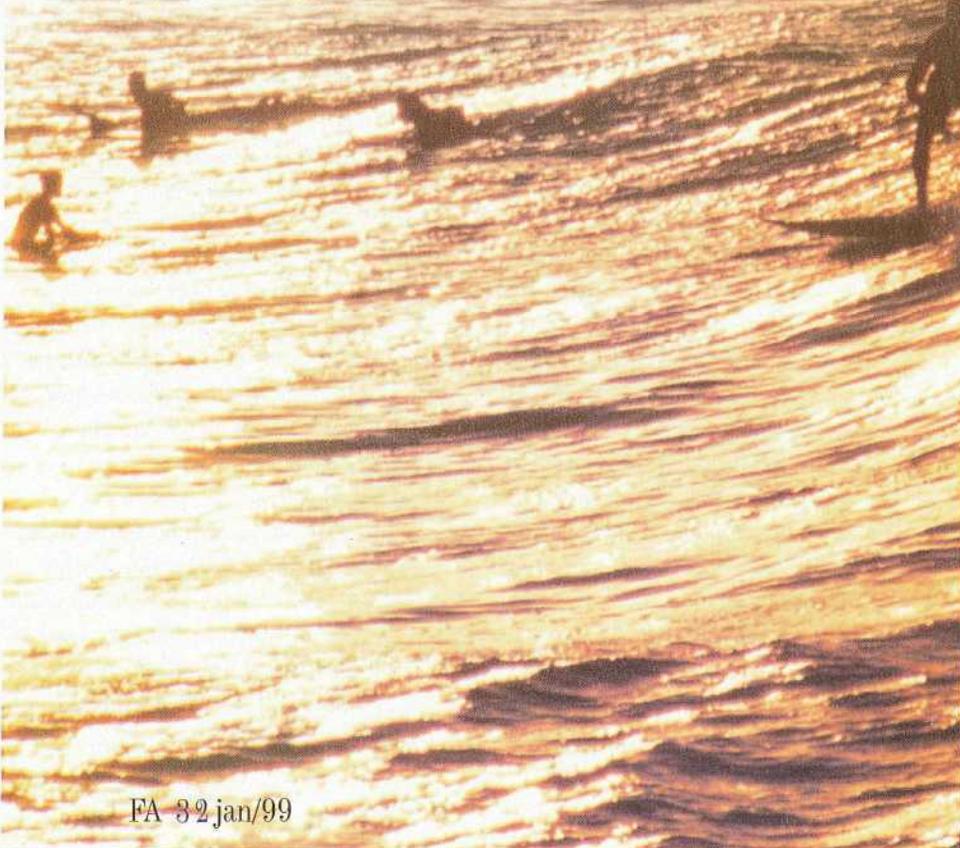
Saúde, ecologia e paz sempre foram os principais componentes desse esporte. Mas faltava alguma coisa para dar o empurrão definitivo em sua prática. O presidente da Associação Brasileira de Surfe Profissional (Abrasp), Roberto Perdigão, mata a charada: "Por trás do surfe existe uma indústria forte que produz e gera um suporte financeiro ao esporte."

A Abrasp é a entidade responsável pelo gerenciamento das competições que acontecem no país. O circuito brasileiro de surfe profissional, que conta pontos para o WQS (World Qualifying Series), uma espécie de segunda divisão do esporte, teve seis etapas em 98 e distribuiu perto de R\$ 1 milhão em prêmios junto com as provas estaduais.

O país, aliás, é um dos eldorados para

quem quiser se manter na crista da onda. Austrália, Estados Unidos e Brasil, nesta ordem, sempre forneceram a maior quantidade de competidores para o disputadíssimo WCT (World Championship Tour), o Olimpo dos surfistas, que reúne os 44 melhores do mundo a cada ano.

Os brasileiros sempre tiveram resultados significativos no circuito mundial, mas 1998 não reservou boas ondas para nossos profissionais. Para 99, sete brasileiros estarão entre os 44 melhores: Armando Daltro, Cristiano Spirro, Victor



Ribas, Peterson Rosa, Guilherme Herdy, Renan Rocha e Fábio Gouveia. Fabinho foi o brasileiro melhor colocado no WCT em todos os tempos, com o quinto lugar de 1992. Antes de aprender a falar inglês, o paraibano fez história por responder qualquer pergunta de jornalista com um indefectível "tuí tuare tudere harideis". O que isso significa, nem ele sabe.

Esses sete "brodinhos" são a nata do surfe nacional, representado por cerca de 150 competidores ranqueados na Abrasp. A maior parte desses surfistas tem no máximo 22 anos.

Fábio Gouveia é uma das exceções - tem 29. O que prova ser o surfe extremamente democrático. É comum ver "coroas" pegando onda em seus longboards, os famosos pranchões, ao lado da galera que prefere a prancha standard.

Os veteranos desse esporte relativamente recente lembram-se do tempo em que os surfistas, com seu visual "sarado", eram vistos com olhos de poucos amigos nas praias de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Nordeste.

Origens O surfe começou a entrar no Brasil nos anos 50, pelas mãos de turistas, pilotos de companhias aéreas e brasileiros que voltavam de viagem. As primeiras pranchas eram de madeira. Somente a partir da década de 60 começaram a surgir os equipamentos feitos em fibra de vidro.

Há controvérsias sobre a origem do surfe no mundo. Muitos acreditam que pescadores peruanos inventaram o surfe quando voltavam do trabalho e rabeavam pelas ondas no litoral do país.

Mas a teoria mais aceita é de que nobres e reis de ilhas do oceano Pacífico tenham criado o esporte, no Havaí (com o nome de heenalu) ou no Tahiti. Os plebeus também podiam deslizar nas ondas, porém não podiam ficar em pé.

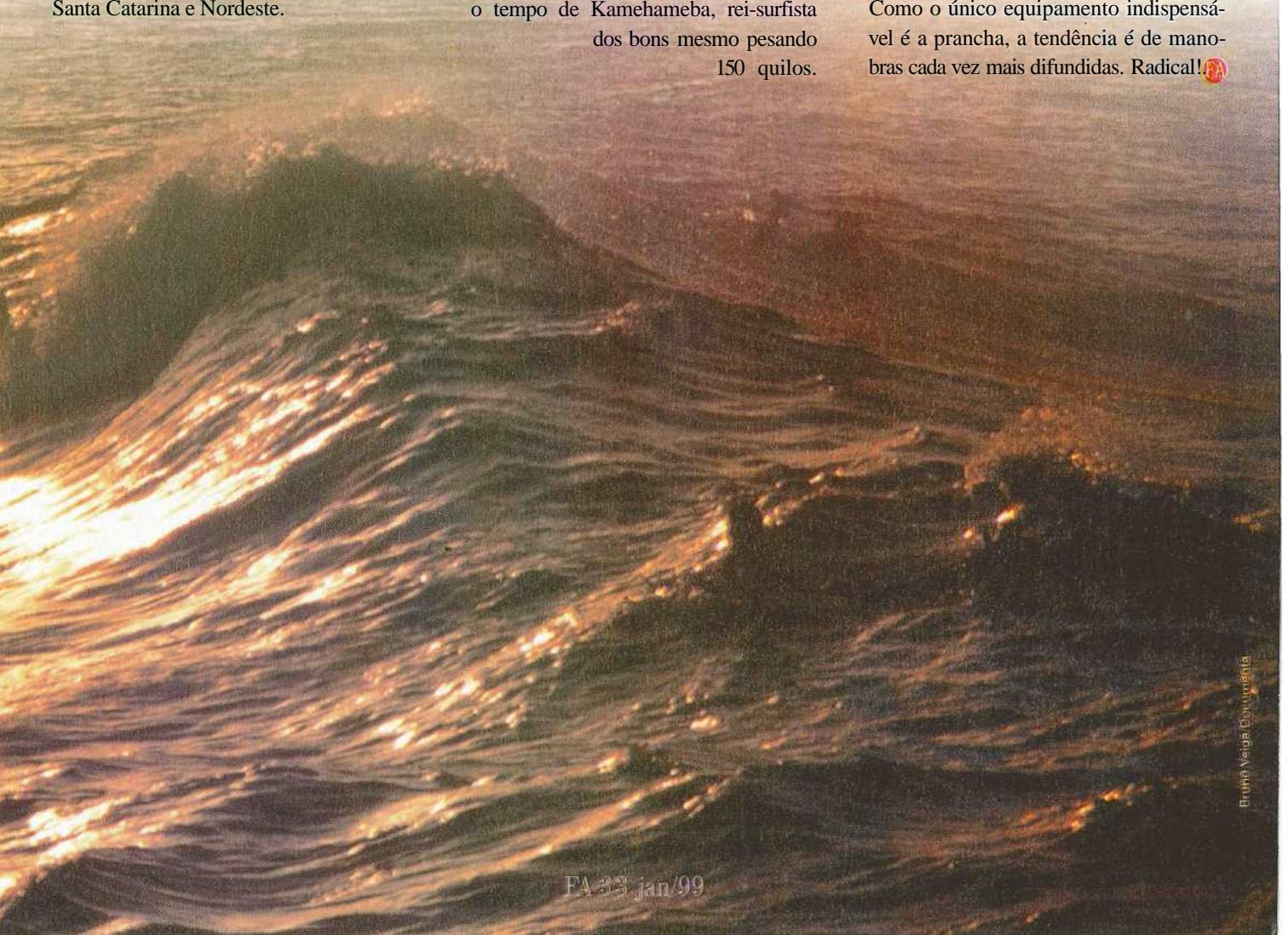
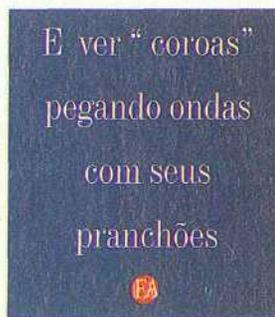
O mundo ocidental conheceu o surfe quando o capitão James Cook chegou ao Havaí e viu um surfista pegando onda. Era o tempo de Kamehameba, rei-surfista dos bons mesmo pesando 150 quilos.

Meio século depois, o esporte sofreu restrições por parte de missionários protestantes que chegaram às ilhas, já que muitos praticantes apostavam os bens, sua mulher ou a própria liberdade nos melhores competidores. É fácil explicar porque o surfe é tão difundido no Havaí: lá ficam as melhores praias para a prática do esporte, como Waikiki, Pipeline e Ala Moana.

A história começou a mudar quando Duke Kahanamoku, outro havaiano, foi para os Estados Unidos em 1910. A viagem, inicialmente,

serviria para que ele desse aulas de natação. Mas o surfe falou mais alto. Kahanamoku venceu provas olímpicas de natação em Estocolmo (Suécia), em 1912, mas em 1915 voltou ao surfe e difundiu o esporte na Austrália.

A partir daí, foi um pulo para ganhar o mundo. Hoje, as praias estão infestadas de praticantes, que estudam o próximo backside, batida, cutback, drop floater ou tubo. Como o único equipamento indispensável é a prancha, a tendência é de manobras cada vez mais difundidas. Radical!



O paraíso de G

É como se ainda desse para ver as canoas singrando a enseada de Sapetinga, levando o cacau via bacia do rio Almada para o porto. Dá pra imaginar Gabriela - imortalizada por Sônia Braga no auge de sua beleza - correndo pelas praias com os cabelos soltos ao vento.

É a terra da fantasia, a Ilhéus de "São" Jorge Amado, dos romances que divulgaram para o mundo o cravo e a canela baiana: "Gabriela", "Tocaia grande", "Suor", "Terros do sem fim" e tantos outros imortais.

Ilhéus é afrodisíaca. Principal município da Costa do Cacau, que vai de Itacaré a Canavieiras, no sul da Bahia, é "uma terra morena, banhada de sol e de um mar azul-verdeado que muda de tom de acordo com a luminosidade da estação do ano", segundo informa a Secretaria da Cultura e

Turismo (Bahiatursa).

Praias e mais praias. A partir de uma das pontas da barra da baía de Ilhéus até a cidade de Canavieiras são 110 quilômetros de praias de águas cristalinas, enseadas, recifes e rios cortando as areias que enchem os olhos de qualquer um.

As praias da Concha, da Avenida, e a do Cristo são oportunidades de passeios de barco, jet-ski e até mesmo de preguiça, do peixe frito, da muqueca baiana e da cervejinha. Segundo a Bahiatursa, de Pontal até Olivença, margeando a BA-001, "dezenas de quilômetros de praias fazem a festa dos amantes do sol, da água salgada ou mesmo, de descontraídos turistas que, como pé de cacau, gostam de sombra e água fresca".

Monumentos históricos, caminhadas ecológicas e atrativos culturais

abriela

são opções que fazem de Ilhéus uma excelente estadia para o descanso e para o lazer.

Os acessos a Ilhéus são fáceis. Por via terrestre, a cidade fica a 462 quilômetros de Salvador pela BR-101. Por via aérea existem vôos regulares da Vasp e da Nordeste Linhas Aéreas. Por mar, uma série de cruzeiros marítimos estão parando na cidade.

História Ilhéus existe desde o tempo das capitânicas hereditárias. Impulsionada economicamente pelo cultivo do cacau - importado primeiramente da Amazônia - a cidade se transformou em forte pólo econômico. O apogeu da cacauicultura traz os famosos coronéis e seus "causos" - de amor, morte, terras e disputa pelo poder - que até hoje fazem parte da fantasia popular.

Muitas construções históricas ainda preservam a

memória da cidade. A matriz de São Jorge dos Ilhéus, construída em 1556, onde atualmente funciona o Museu de Arte Sacra, guarda imagens sacras barrocas e uma imagem secular de São Jorge. A catedral de São Sebastião é outra atração local. Atrás dela fica o outeiro de São Sebastião, onde ficam a Capela de Nossa Senhora de Lurdes e o marco da cidade.

O convento e a igreja de Nossa Senhora da Piedade, no Mirante da Piedade, abrigam um museu do mesmo nome, construção em arquitetura neogótica. Do mirante dá pra ver os ilhéus fluviais que deram nome à cidade, com destaque para a pedra de Ilhéus e a pedra de Itapitanga.

O Museu Regional do Cacau, o Teatro Municipal, o Palácio do Parangará, o Palacete Misael Tavares e a Casa de Jorge Amado são outras atrações turísticas que a cidade nos reserva. 

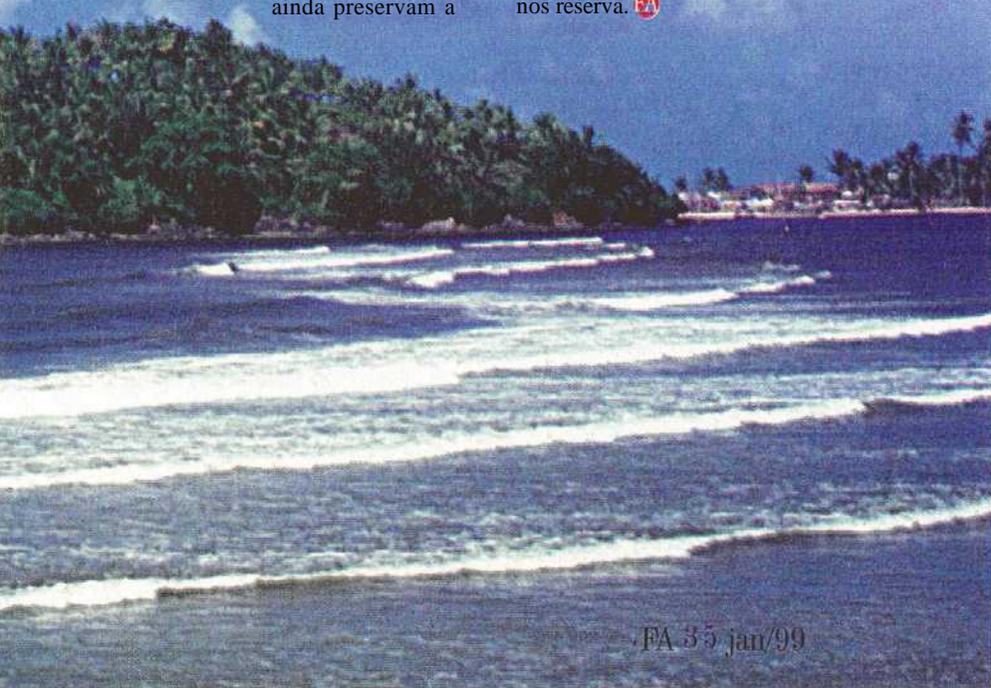
Ilhéus oferece várias opções de passeios ecológicos

Ilhéus oferece ainda para o turista a chance de realizar circuitos ecológicos. Subindo pelo rio do Engenho, com saída da praia do Cristo, é possível adentrar a baía de Ilhéus, a partir da qual surgem os manguezais abrigando inúmeras espécies de crustáceos e a reprodução de peixes e aves. Prosseguindo rio adentro chega-se no povoado de Engenho de Santana, onde se localiza a capela do mesmo nome, a terceira mais antiga do país.

Como nesse ponto se torna impossível continuar descendo o rio, vale a pena retornar e encontrar o rio Cachoeira, no qual se encontra o horto Hawaii, uma reserva de fauna e flora com o plantio de grandes árvores, como o pau-brasil, o jacarandá, o cedro, a sucupira e de flores, tais como as bromélias e as orquídeas.

Outra opção imperdível é uma visita à Lagoa Encantada. De carro ou de barco você encontra um fascinante espelho d'água entrecortado por fazendas e cursos d'água. A partir dos rios Caldeiras e Apepique, você encontra cachoeiras nas margens da lagoa, que é abastecida por vários ribeirões.

Conhecer o projeto Bicho-Preguiça e a fazenda Primavera é outro programa imperdível. Os dois locais ficam entre Ilhéus e Itabuna. O projeto Bicho-Preguiça é apresentado por uma bióloga que explica a diversidade da Mata Atlântica e apresenta ao visitante o mico-leão-de-cara-dourada, uma espécie rara que atesta a beleza da região. A fazenda Primavera, de propriedade particular, guarda um museu com documentos raros - inclusive a doação das sesmarias feita por dom João II a seus ancestrais. Todo o funcionamento do plantio de cacau é feito pelo proprietário da fazenda, que ao final oferece um suco da fruta aos visitantes.



Estabilidade de preços e crise abalam a produção

Em 1985, dez anos após a implantação do Proálcool, a produção já havia atingido os 11 bilhões de litros e eram gerados 800 mil empregos diretos e cerca de 250 mil indiretos. O programa foi fortemente subsidiado, tendo sido liberados pelo governo, entre 1973 e 1989, cerca de US\$ 7 bilhões.

O transporte, o armazenamento, a distribuição e a mistura do álcool ficaram a cargo da Petrobras. Por força de um acordo entre governo e usineiros, a empresa ficou obrigada, inclusive, a comprar toda a produção. A partir de 1979, o Brasil passou a exportar álcool para os Estados Unidos e o Japão. O Proálcool consolidou-se com o início da fabricação de carros movidos a álcool, sobretudo, a partir de 1981, quando a indústria conseguiu superar os problemas de corrosão e partida.

Com a estabilização nos preços do petróleo, em 1986, o Proálcool entrou em processo de estagnação e a produção de álcool parou em 12 bilhões de litros por safra, mas a fabricação de carros manteve sua evolução e chegou a 95% dos veículos comercializados no final da década de 80.

Os anos 90 enfrentaram a escassez do álcool carburante e o Brasil, que em 1978 exportava o produto, passou a importá-lo para abastecer a frota de mais de quatro milhões de veículos. Com a entrada em vigor da lei de proteção ambiental, em 1994, obrigando a mistura de 22% de álcool à gasolina, o déficit atingiu um bilhão de litros. A crise de abastecimento levou a indústria a reduzir drasticamente a produção de carros a álcool e a frota em circulação veio se deteriorando ano a ano.

Uso do álcool

Maior utilização do álcool reduziria o efeito estufa e prese

O aquecimento global médio da atmosfera, conhecido como efeito estufa, está a exigir do conjunto dos países a adoção de medidas que visem reduzir as emissões de gás carbônico (CO₂). O mundo vê-se também diante da necessidade de melhor administrar as reservas de petróleo existentes e de buscar, cada vez mais, fontes alternativas de energia.

Estes têm sido os principais pontos de sustentação dos argumentos que se apresentam em favor de uma presença bem mais significativa do álcool na questão energética, sobretudo no Brasil, onde há condições físicas e climáticas para o plantio da cana, além do domínio da tecnologia para produção e completa infra-estrutura para distribuição do álcool carburante.

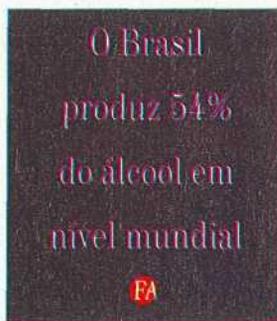
Pelos dados da Alco (Associação Brasileira da Indústria de Álcool), o Brasil produziu 13 bilhões de litros de álcool na última safra (97/98), o equivalente a 54% de toda a produção mundial. As 32 unidades industriais congregadas pela Alco, em nove estados, foram responsáveis por 10% desse total de litros produzido no país. Para o presidente da entidade, Gustavo Maranhão, o aumento da produção de álcool, hoje estagnada, pode se dar com o incremento da demanda através

da renovação da frota com mais de 10 anos de uso, com a adição do álcool também ao diesel e com garantias aos produtores interessados em exportar o produto. Ele observa que o Primeiro Mundo busca, de forma cada vez mais intensa, o uso de oxigenados em mistura à gasolina para diminuir seus índices de poluição ambiental e que o Brasil dispõe da tecnologia para utilização do álcool, seja puro (hidratado) ou em mistura (anidro).

Manifesto

O interesse pela reativação do Proálcool vem sendo manifestado não só no setor industrial com também no meio político e entre os trabalhadores do campo e pequenos agricultores. Em setembro de 97, a CUT e Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) lançaram, com o apoio de um grupo de deputados, um manifesto pela retomada do programa. O documento defende a utilização do álcool misturado à gasolina e ao diesel e a formação de pequenas destilarias ligadas à propriedades rurais familiares.

Conforme esclarece o deputado Luciano Zica (PT-SP), o álcool é alternativa para uma política ambiental mais sustentável, com geração de empregos e com a administração mais racional das reservas de petróleo. "Estamos defendendo a cri-



Alcool reduz a poluição

Evitaria as reservas de petróleo. Para o Brasil isso seria um excelente negócio

ação de uma comissão especial no Congresso, com o objetivo de estabelecer uma política para o setor energético, com definição sobre o papel a ser ocupado pelo álcool, e também a criação do Conselho Nacional de Política Energética", informa o parlamentar.

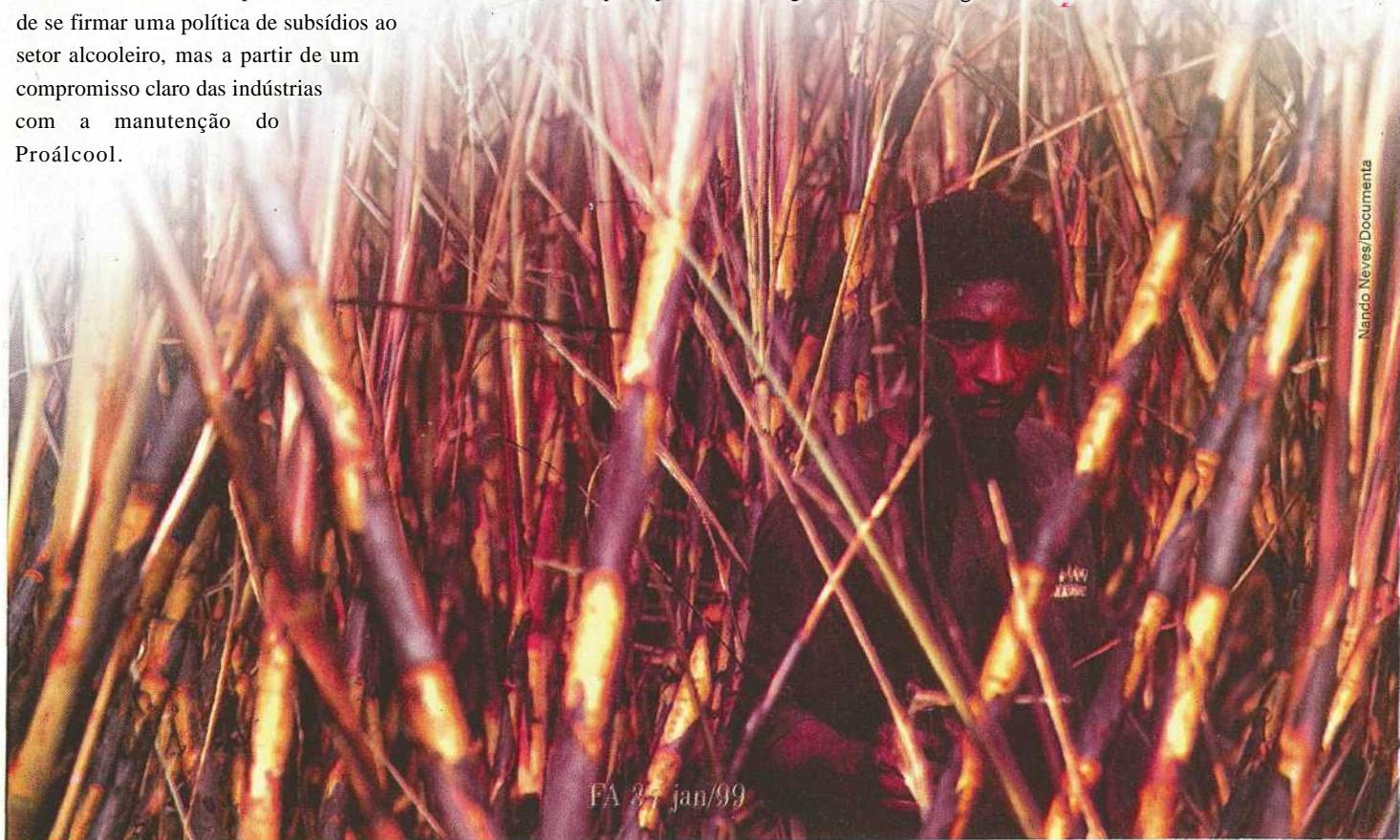
Zica diz não acreditar no álcool como combustível de massa a curto prazo. A seu ver, deve-se buscar primeiro ampliar o uso do produto como aditivo à gasolina e ao óleo diesel, para depois se pensar na ampliação da frota de veículos exclusivamente a álcool. Ele alerta ainda para a necessidade de se firmar uma política de subsídios ao setor alcooleiro, mas a partir de um compromisso claro das indústrias com a manutenção do Próálcool.

Isso evitaria que a produção de combustível viesse a ser substituída, por exemplo, pela produção de açúcar, como ocorreu no final da década de 80, em função de resultados mais atrativos oferecidos pelo mercado.

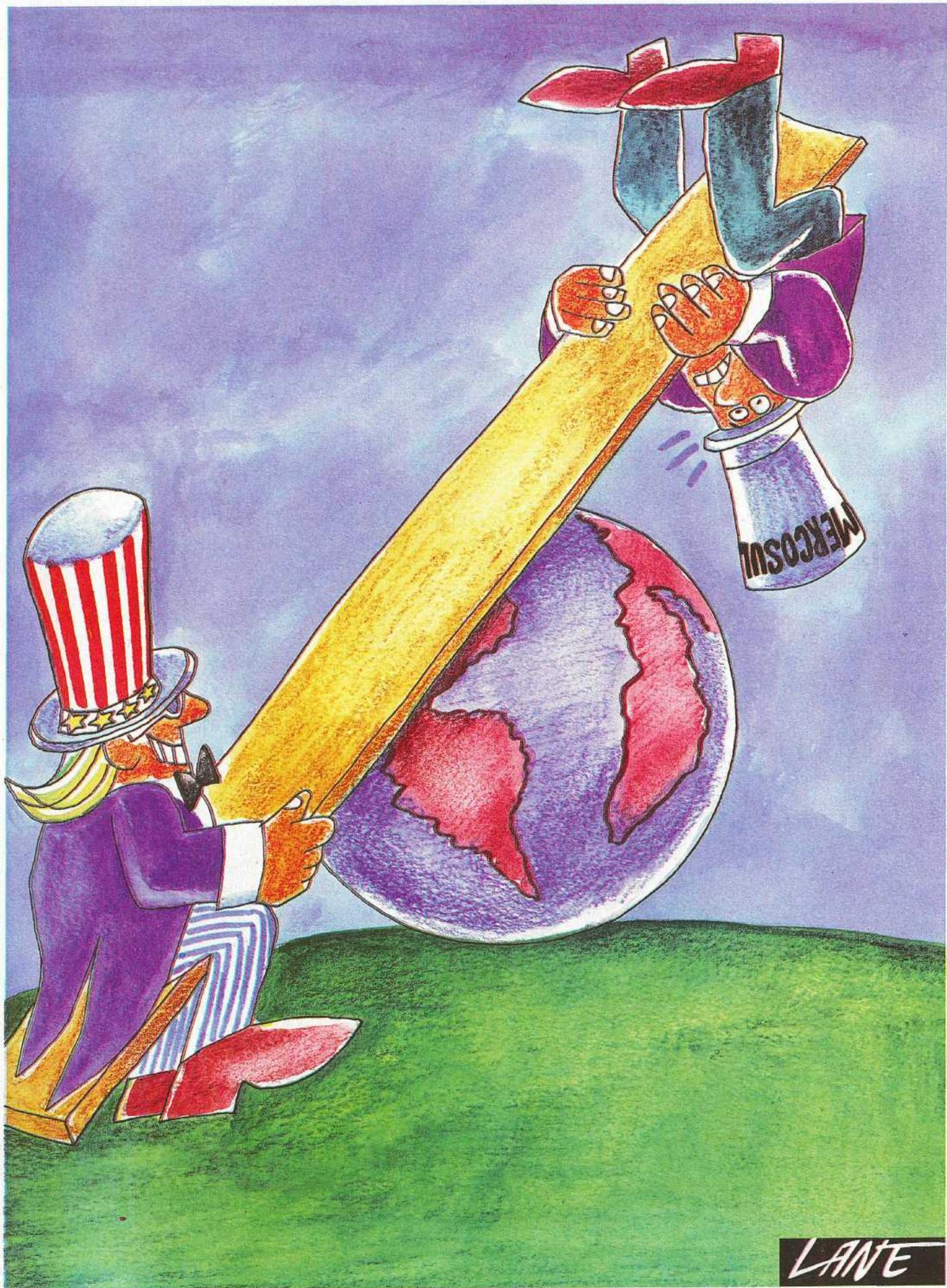
Gustavo Maranhão, da Alco, também entende que o álcool deva integrar a "matriz energética" do país. "Na medida em que a causa principal do aquecimento da atmosfera são as emissões de CO₂ pela queima de combustíveis fósseis, como o carvão mineral e os derivados de petróleo, abre-se extraordinária perspectiva para o Brasil, único país que usa em larga escala

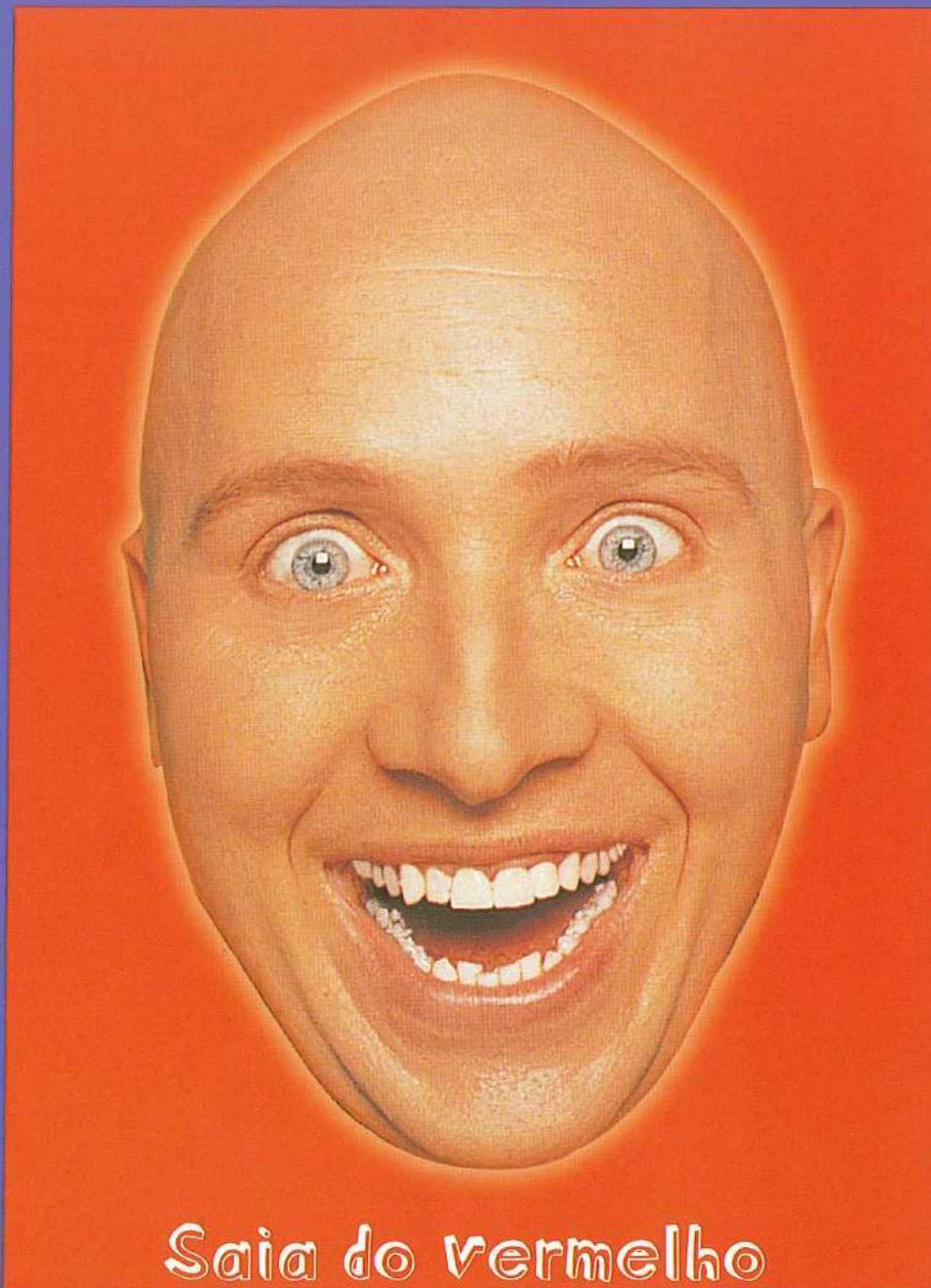
este combustível alternativo e renovável", enfatizou.

Argumenta-se também, em favor do incremento da produção de álcool combustível, que a cana pode oferecer ainda subprodutos para a geração de energia elétrica. Só as 150 destilarias instaladas no Estado de São Paulo, segundo a Alco, têm um potencial energético de cerca de seis mil megawatts, "hoje praticamente desperdiçados". Pelos cálculos da entidade, "o potencial energético do setor em todo o país equivale a uma Itaipu, ou 12 mil megawatts".



Naído Neves/Documenta





Saia do vermelho
tornando azul
a vida do seus
clientes.

Você já experimentou vender um VidAzul ? Experimente. O VidAzul é um seguro de vida tão especial que facilita a vida de todo mundo. De quem compra, de quem se beneficia e de quem vende. Quem compra, valoriza seu capital, protege de forma mais completa a família e recebe as melhores coberturas pelo menor custo do mercado. Quem vende, recebe mais comissões. Vendendo VidAzul você vai deixar mais azul a vida do seu cliente. E o melhor: vai evitar que você um dia fique branco de susto com seu saldo no banco, ou roxo de raiva porque deixou de vender.

VIDAZUL
MULTIPREMIADO





FENAE TUR

Sua viagem na melhor companhia

Ilhéus

4 dias

- ✓ 3 noites de hospedagem com café da manhã e meia pensão no hotel;
- ✓ Translados de chegada e saída;
- ✓ Seguro de viagem;
- ✓ Bolsa de viagem.



Hóteis	IND	DBL	TPL
Canabrava	331	197	178
Ecoresort Tororomba	287	170	157
Opaba	257	156	142

Período de 21/12/98 a 15/03/99, exceto Natal, reveillon e carnaval

Preços por pessoa em R\$ reais sujeito a reajuste sem prévio aviso.

Válidos para saídas até 20/12/98, exceto feriados e datas especiais

Fenaetur@fena.org.br

Belém (091) 224-2096 / Belo Horizonte (031) 201-4196 / Brasília (061) 226-8821 / Fortaleza (085) 261-7700

Recife (081) 465-3062 / Rio de Janeiro (021) 509-3462 / Salvador (071) 340-6856

DEMAIS LOCALIDADES CENTRAL RESERVAS BRASIL TOOL FAX: 0800 614060